

PESQUISAS

Número 2

Ano de 1958

SUMARIO

LUIS G. JAEGER, S. J. — Pesquisas Históricas em Lavras do Sul	3
MANSUETO BERNARDI — O Governo Temporal das Missões e o Padre Antônio Sepp	21
ANTONIO SEPP, S. J. — Algunas Advertencias tocantes al Gobierno Temporal de los Pueblos (com tradução portuguesa)	35
MELCHIOR STRASSER, S. J. — Um Naufrágio nas Praias do Tramandaí	55
ARNALDO BRUXEL, S. J. — Pânico nos Vice-reinados espanhóis em 1750; "San Sepé" em 1751	75
ARNALDO BRUXEL, S. J. — A Nobreza dos Caciques Guaranis, do Primitivo Rio Grande do Sul	81
INACIO SCHMITZ, S. J. — Paradeiros Guaranis em Osório	115
PIO BUCK, S. J. — Hispinae	145
JOAO O. NEDEL, S. J. — Die "Sprache" der Bienen	151
BALDUÍNO RAMBO, S. J. — Die alte Südf flora in Brasilien	177
BALDUÍNO RAMBO, S. J. — An Historical Approach to Plant Evolution	199
ALOYSIO SEHNEM, S. J. — Uma Coleção de Pteridófitos do Rio Grande do Sul	223
Bibliografia; Publicações recebidas	231

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

Pôrto Alegre/Rio Grande do Sul — Caixa Postal, 358 — BRASIL

PARADEIROS GUARANIS EM OSÓRIO (RIO GRANDE DO SUL)

Inácio Schmitz, S. J.

O material que forma o núcleo do presente estudo são dois paradesiros guaranis situados na planície litorânea, junto às lagoas, no Município de Osório, no Rio Grande do Sul. O primeiro paradeiro encontra-se na fazenda do Sr. Romário Marques Machado, no Km. 125 da Rodovia Porto Alegre-Tramandaí, a uns dez quilômetros do oceano. O segundo nos fundos da vila balneária de Capão da Canoa, a um quilômetro da costa, junto à orla setentrional da Lagoa dos Quadros. O material cerâmico, embora fragmentado, é abundante em ambas as jazidas, apresentando tipos novos que nos levaram a suspeitar contaminação por parte de elementos de cultura sambaquiana, razão por que tivemos de incluir nestas linhas uma rápida comparação com a cerâmica e outros restos encontrados nos sambaquis da região, dos quais visitamos mais de uma dúzia.

Valemo-nos, como subsídio para o nosso trabalho, dos apontamentos fornecidos por Theodor Bischoff, que em fins do século passado realizou estudos na mesma região (1). Bischoff já fazia distinção nítida, o que em nosso caso é importante, entre paradesiros, situados geralmente mais para o interior, e sambaquis, mais próximos ao litoral, sendo de opinião que eram três os grupos indígenas responsáveis pelos restos arqueológicos: os sambaquianos, os índios campeiros e os do mato, dos quais os primeiros seriam os mais atrasados e os últimos os de maior cultura (2). Cremos poder restringir a dois os grupos indígenas: os sambaquianos e os guaranis.

O artigo de Koseritz (3), apreciando o trabalho realizado pelo autor anteriormente citado, traz poucos dados novos.

- (1) Bischoff Theodor — Ueber die Sambaquys in der Provinz Rio Grande do Sul (Brasilien) — Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, 1887. — Ao citarmos o autor sempre o fazemos do original alemão, visto a edição portuguesa não reproduzir o mapa e diversos desenhos, e apresentar, na tradução, algumas incorreções que deturpam o pensamento do antropólogo. A tradução portuguesa pode ser encontrada na Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n.º 21, 1928: "Sobre os Sambaquis no Estado do Rio Grande do Sul".
- (2) Bischoff, op. cit., 184.
- (3) Koseritz Carlos von — Sambaquis de Conceição do Arroio, Rev. do Instituto Hist. e Geogr. Brasileiro, XLVII, 1884.
- (4) Roquette Pinto — Relatório da Excursão ao Litoral e à Região das Lagoas do Rio Grande do Sul, Rio, 1906.

Roquette Pinto (4) esteve igualmente na região em 1906, mas apenas visitou sambaquis, não nos falando jamais de paradeiros. Visitamos recentemente todos os sambaquis por ele descritos e são destes os dados aproveitados para a comparação com os paradeiros guaranis.

De todos os estudiosos, que visitaram a região em aprêço, nenhum esteve, ao que saibamos, nos paradeiros aqui estudados, com exceção do P. Balduino Rambo, lente de etnografia da Universidade do Rio Grande do Sul, que juntou no museu do Colégio Anchieta, em Pôrto Alegre, pequena coleção de fragmentos de cerâmica, sem entretanto nada publicar a este respeito. A mencionada coleção, acrescida pelo autor destas linhas, constitui a base material da presente relação.

Dividimos o trabalho em três capítulos: no primeiro estudaremos os paradeiros e descreveremos o material colecionado; no segundo procuraremos estabelecer, por meio da documentação portuguesa e espanhola dos primeiros tempos da colônia, a que tribo ou povo dos antigos habitantes do Rio Grande do Sul devemos atribuir os paradeiros descritos, para no terceiro, apoiados na arqueologia e na documentação esboçarmos alguns traços da sua cultura.

OS PARADEIROS

A planície litorânea, dentro da qual localizamos os paradeiros, apresenta-se coberta de campos planos e encapoeirados, interrompidos de espaço a espaço por baixas dunas interiores, das quais umas são vegetadas, outras em contínuo movimento. Numerosas lagoas grandes e pequenas, ligadas por canais naturais entrecortam as dunas ou os campos, dando um aspecto típico a toda a região. Os vassourais ralos, que dominam as pastagens em grandes extensões, dão lugar uma ou outra vez a um capão limpo, onde sobressaem grandes figueiras, ou a butiazais formados por milhares de pés alinhados uns ao lado dos outros, quase sem interferência de plantas maiores.

Ambos os paradeiros situam-se no meio de um sistema de dunas móveis, ligadas a uma cadeia de lagoas. Nos lugares onde os ventos, quase constantes, varreram toda a areia, aparece o primitivo horizonte campestre de terra pardacenta, em parte coberta por minério de ferro escuro. No primeiro paradeiro, a superfície que as dunas libertaram, é de uns 30 por 50 metros, literalmente coberta de fragmentos de cerâmica, de mistura com material lítico, restos de conchas e indícios de carvão. Num círculo bastante grande, ao redor do paradeiro, encontram-se também restos de cultura e mesmo nas margens de lagoas afastadas de quilômetros, topamos mais de uma vez com litos e raros fragmentos de cerâmica muito grosseira.

O segundo paradeiro estava situado num capão que as dunas invadiram, deixando apenas algumas árvores mais resistentes ao longo das águas da lagoa. A superfície desenterrada é de mais de 50 metros de comprimento por uma média de 5 metros de largo, existindo num dos extremos um pequeno núcleo conchífero muito semelhante ao dos sambaquis da região, mas com material idêntico ao do paradeiro.

Uma dificuldade se apresenta à primeira vista no estudo das jazidas: não é possível um trabalho de estratigrafia, nem de localização

de casas, estacadas, cemitério etc., visto os materiais se encontrarem à flor da terra por causa da ação niveladora do vento, que arrastou os materiais mais leves e acumulou os mais pesados. Esta dificuldade encontramos também nos sambaquis visitados, que apresentam camadas finas, onde o vento já trabalhou perniciosamente. Este é o principal obstáculo apresentado ao estudioso que deseja separar exatamente as culturas de um e de outro grupo, visto como pela ação do vento elementos culturais antes superpostos em camadas distintas, atualmente se encontram um ao lado do outro, explicando o surgimento de opiniões tão divergentes sobre as culturas do litoral sul-riograndense e o fato de ainda não se conhecerem até agora nem mesmo os elementos fundamentais dos sambaquis da região.

O material de ambos os lugares é idêntico, razão por que o tomamos em seu conjunto. A coleta feita pelo autor e pelo P. Balduino Rambo, S. J., deu como resultado os seguintes elementos: grande quantidade de fragmentos de cerâmica de vários tipos, algumas dezenas de pontas de flechas, dois machados polidos, regular número de machados lascados prontos ou em preparo, simples lascas aproveitadas como machados ou facas, uma bola de charrua, extraordinária quantidade de pedras de fiar, alisadores de cerâmica, afiadores, percussores, um tembetá de quartzo cristalino, três contas grandes de barro cozido, dois cachimbos do mesmo material, três contas de vidro de origem européia, uma lamela de cobre perfurada para ornato, núcleos residuais de pedra, lascas de todos os tipos que terão tido o seu uso entre os indígenas etc. Não encontramos urnas inteiras; Bischoff, porém, escreve que foram desenterradas na região igaçabas, contendo ossos e ornatos (5). Também Roquette Pinto descobriu uma nos arredores da jazida, levando-a para o Rio de Janeiro (6). Se, pois, ainda juntarmos à nossa investigação pessoal os elementos descritos por Bischoff e o que nos pode ser útil da viagem de Roquette Pinto, teremos o material indispensável para o nosso estudo.

A cerâmica apresenta, desde logo, dois tipos distintos: um manifestamente guarani, o outro nos aparece aqui pela primeira vez, sem jamais o termos visto estampado ou recolhido a algum dos museus que conhecemos, embora se referissem a ele Roquette Pinto (7) e Bischoff (8). Suspeitamos, pois, com razão, alguma influência sambaquiana e, de fato, ao examinarmos cuidadosamente aquelas jazidas encontramos-lo, quase com exclusividade, embora em pequeno número. Também nos parateiros o "tipo sambaquiano", como o chamaremos provisoriamente e sem pretensão de classificação científica, aparece em fragmentos isolados e raríssimos ao lado do grande acúmulo de material tipicamente guarani.

Não nos deteremos aqui na descrição minuciosa dos tipos guaranis, visto estes serem muito semelhantes aos que se podem encontrar em grande quantidade no Museu Júlio de Castilhos de Porto Alegre, ou na Faculdade de Filosofia de Cristo Rei, em São Leopoldo, ou estampadas

(5) Bischoff, op. cit., 178.

(6) Roquette Pinto, op. cit. 35.

(7) Roquette Pinto, op. cit., 35.

(8) Bischoff, op. cit., 193.

em Antônio Serrano (9), em A. Schupp (10), em G. A. Willey (11), ou em I. Schmitz (12) e em numerosos outros autores. Restringimo-nos a apresentar as diferenças existentes entre o que recolhemos e o que já era conhecido.

A primeira diferença poderíamos denominar de raquitismo, pois os diversos objetos encontrados são muito menores e menos bem trabalhados que seus pares das outras jazidas de cultura guarani. Nota-se uma predominância fortemente acentuada, de vasos pequenos, podendo-se observar que mesmo as igaçabas são menores e muito mais raras que alhures, não existindo absolutamente o tipo liso e ocorrendo o pintado em escala muito reduzida. Não encontramos nenhuma amostra de parede de urna que atingisse 1,50 cms. de espessura. (13)

Os vasos de impressão digital, unguicular ou lisos apresentam muitas vezes fortes estreitamentos na metade do corpo, dando a impressão de vasos duplos ou triplos (14), o que entre os guaranis é bastante raro. Chamou nossa atenção também um fragmento com asa simples e maciça, pertencente provavelmente a uma vasilha de tamanho médio. Foi a primeira vez que, no território de nossas investigações, descobrimos tal adaptação.

No tocante aos motivos ornamentais da cerâmica constatamos fundamentalmente os mesmos tipos que nos outros parapeiros guaranis, motivos estudados pelo autor em Itapiranga (15): a cerâmica lisa, a de relêvo e a pintada. A primeira encontra-se no parapeiro apenas em recipientes pequenos e em tigelas chatas. Na de relêvo distinguimos a unguicular e a digital, que estão muito mal feitas encontrando-se raramente um tipo impresso simetricamente em fundo bem alisado.

A cerâmica pintada é relativamente rara, em comparação com o tipo liso e em relêvo, ocupando as urnas pintadas uma porção mínima. Os recipientes são pintados ora por dentro, ora por fora. Muitos recipientes médios são no interior totalmente pintados de um vermelho escuro e uniforme, alguns o são exteriormente. A maioria, porém, apresenta motivos ornamentais, mal conservados porque sofreram por muito tempo a ação do vento e da umidade, restando muitas vezes apenas manchas do fundo branco subjacente à decoração. Conseguimos, não obstante reunir um pequeno número de motivos que permitem o estudo comparativo com outras regiões (V. tabela).

Justapondo os motivos ornamentais de Osório aos de Itapiranga (16) ou aos publicados por Serrano (17), ou aos das obras anteriormente ci-

(9) Serrano, Antônio — *Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay*, 122-4.

Idem — *Los Aborígenes Argentinos*, 133, 134, 136.

Idem — *Arqueología Riograndense*, diversas pranchas — e outras obras.

(10) Schupp, A. — *Os Aborígenes do Brasil sob o ponto de vista etnológico*, 127.

(11) Willey, G. A. — *Ceramics — Handbook of South Am. Indians*, V, 180.

(12) Schmitz, I. — *Um Parapeiro Guarani no Alto Uruguai*, fig. 13.

(13) Bischoff confirma a nossa observação: "Em regra geral as urnas são tão grandes que todos os ossos do falecido caibam nelas, mas em Conceição (atualmente Osório) foram encontradas três urnas pequenas, chatas, contendo cada qual uma parte delas". (Op. cit. 186).

(14) Bischoff, op. cit., 187 e fig. 5.

(15) Schmitz, op. cit. 131 e ss.

(16) Schmitz, op. cit. 136.

(17) Serrano, *Arqueología Riograndense*, tabela de desenhos.



1



2



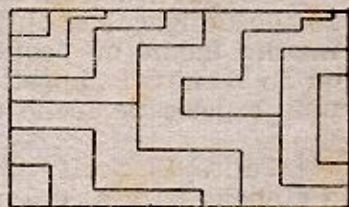
3



4



5



6



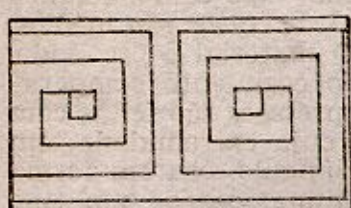
7



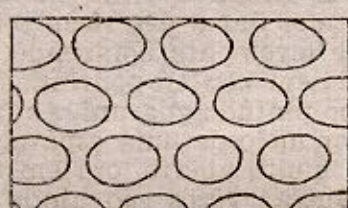
8



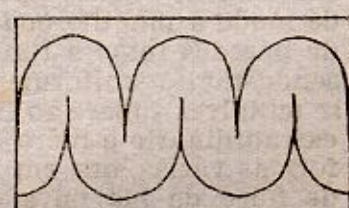
9



10



11



12



13



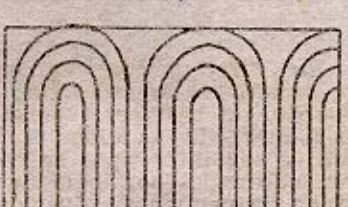
14



15



16



17



18



19



20

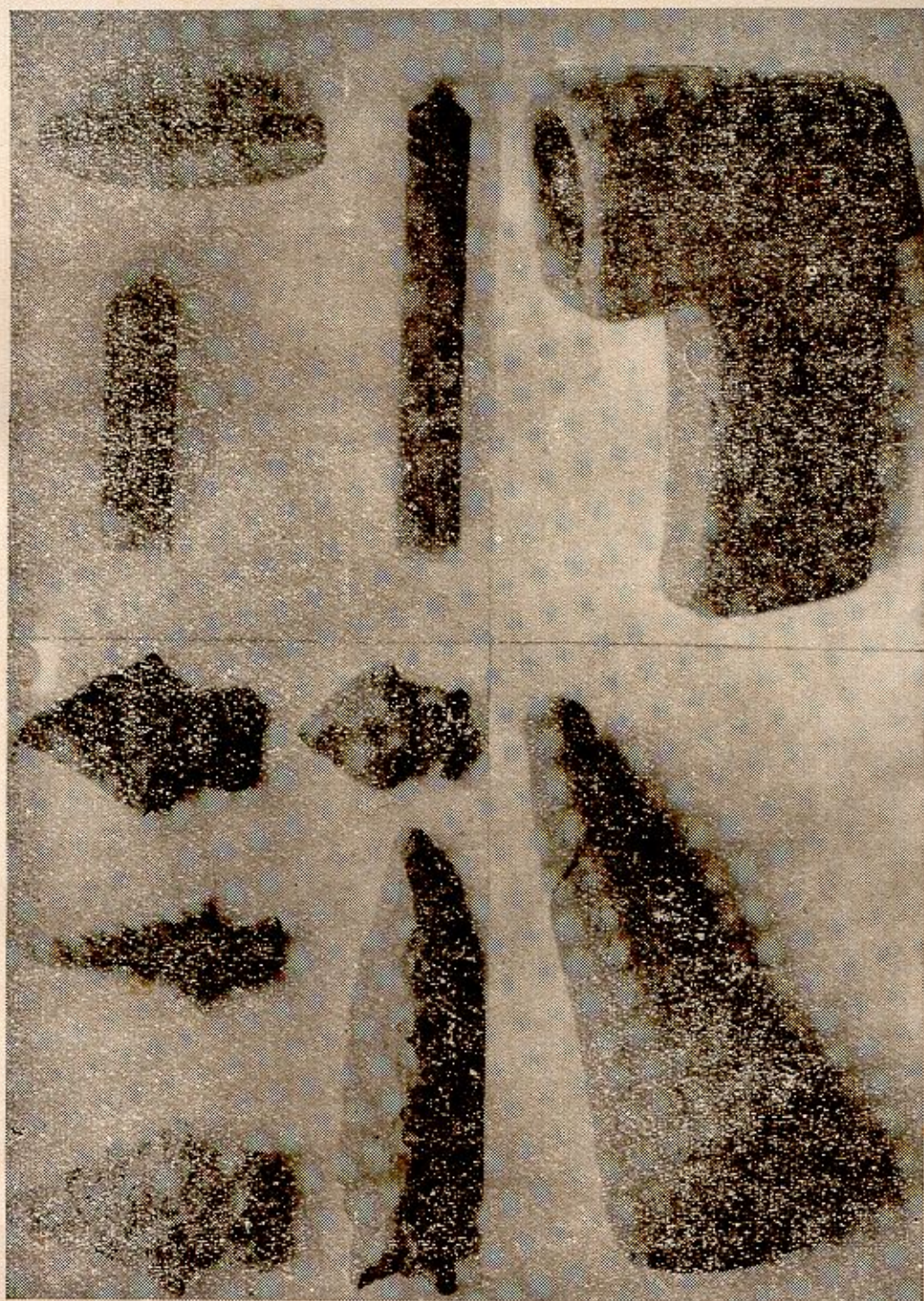
tadas, chegamos à conclusão de que as variações observadas são desprezíveis dentro de um estilo, que permanece uno através de toda a região de cultura guarani. O mesmo se pode dizer quanto ao emprego das cores e seus diversos matizes.

Dos motivos reproduzidos na tabela, os números 1, 2, 4, 5, 6, 10, 16, 20 são de Igaçabas ou painéis grandes, os outros de recipientes de tamanho médio ou pequeno. Os motivos costumam repetir-se em cintas ou ao menos justapostos, com exceção do n.º 20 que se encontra como uma espécie de fêcho entre as duas extremidades de uma cinta.

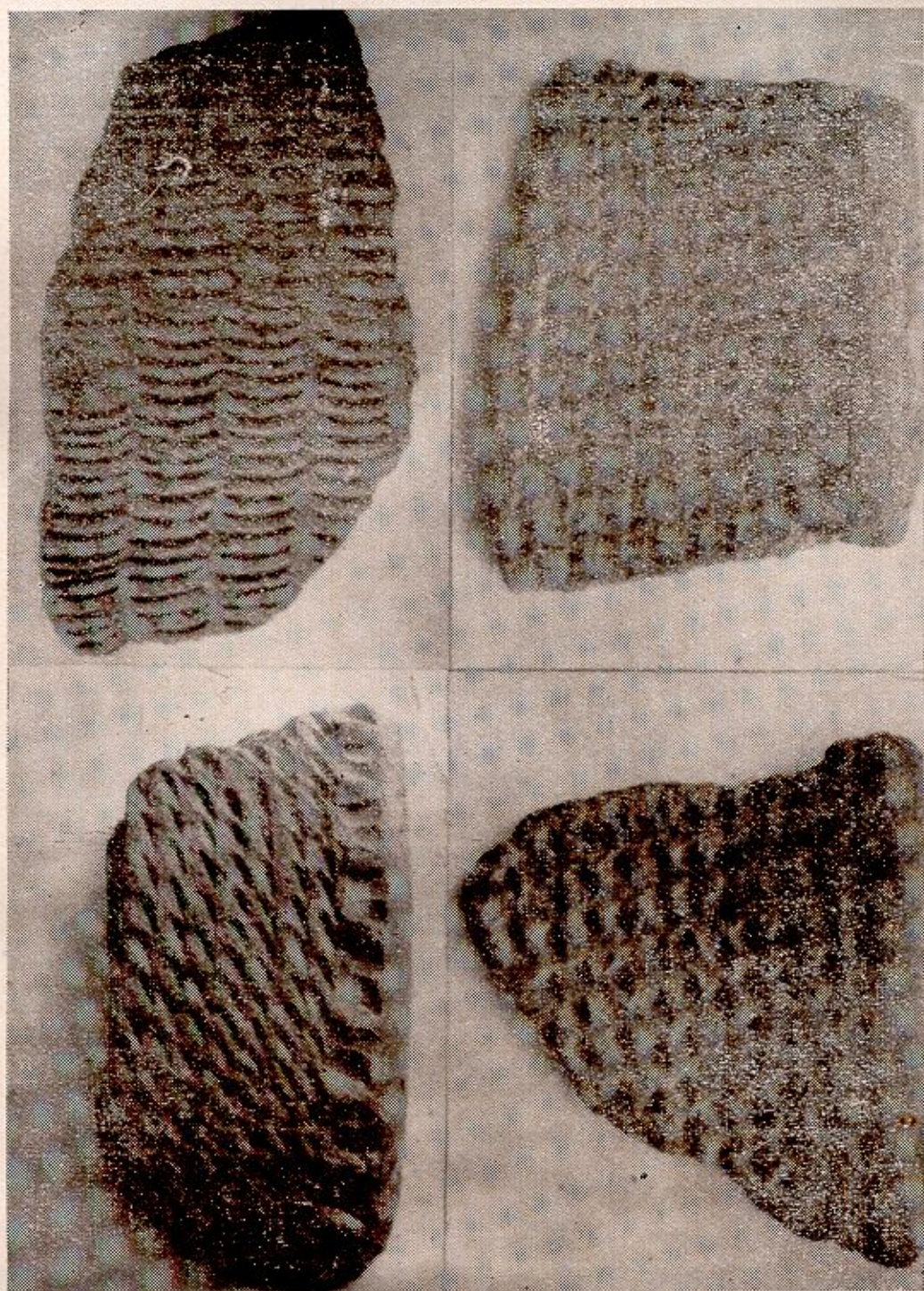
Tanto Bischoff (18) quanto Roquette Pinto (19) tinham chamado a atenção para a cerâmica que denominamos de "tipo sambaquiano" por apresentar grande diferença em relação ao tipo guarani não só na ornamentação, mas na forma, no material empregado, no cozimento e em todo o estilo. Como já observamos, aparece isoladamente nos parapeitos guaranis, podendo ter sido trazido por comércio, por contaminação ou aculturação, ou ainda recolhido dos sambaquis já desabitados. As formas são demasiado distintas dos modelos guaranis para as atribuímos a este povo. Além disso aparece, quase que exclusivamente nos sambaquis que visitamos desde Cidreira até Tôres, onde encontramos raramente algum fragmento de impressão digital e unguicular (20). Infelizmente temos apenas fragmentos do chamado "tipo sambaquiano" de modo a não lhe podermos dar a descrição total: os vasos são médios, de paredes retas e fundo levemente bombeado. O material é escolhido, sendo muito uniforme e sem conter pedrinhas, o cozimento compara-se ou talvez supere ao tipo pintado guarani. As impressões são feitas com extraordinário esmero por meio de uma espátula cuja extremidade tem formas várias, ora em S muito aberto, ora em triângulo, ora em forma de folha da lua nova. Outras vezes são ainda impressões de um tipo especial, muito diferente do modelo guarani, feitas com a unha e que cobrem todo o objeto, ou só ornaram a beirada superior de um vaso adornado com um dos modelos anteriores. As fotografias podem dar uma idéia do que aqui se quer dizer. Em estudos posteriores talvez possamos dar uma solução da cultura a que pertence o que chamamos provisoriamente "tipo sambaquiano".

A técnica do fabrico da cerâmica guarani costumava ser a de espiral, como muito bem indicam os fragmentos. De um punhado de restos, colhidos longe do parapeito e pertencentes todos a um mesmo vaso

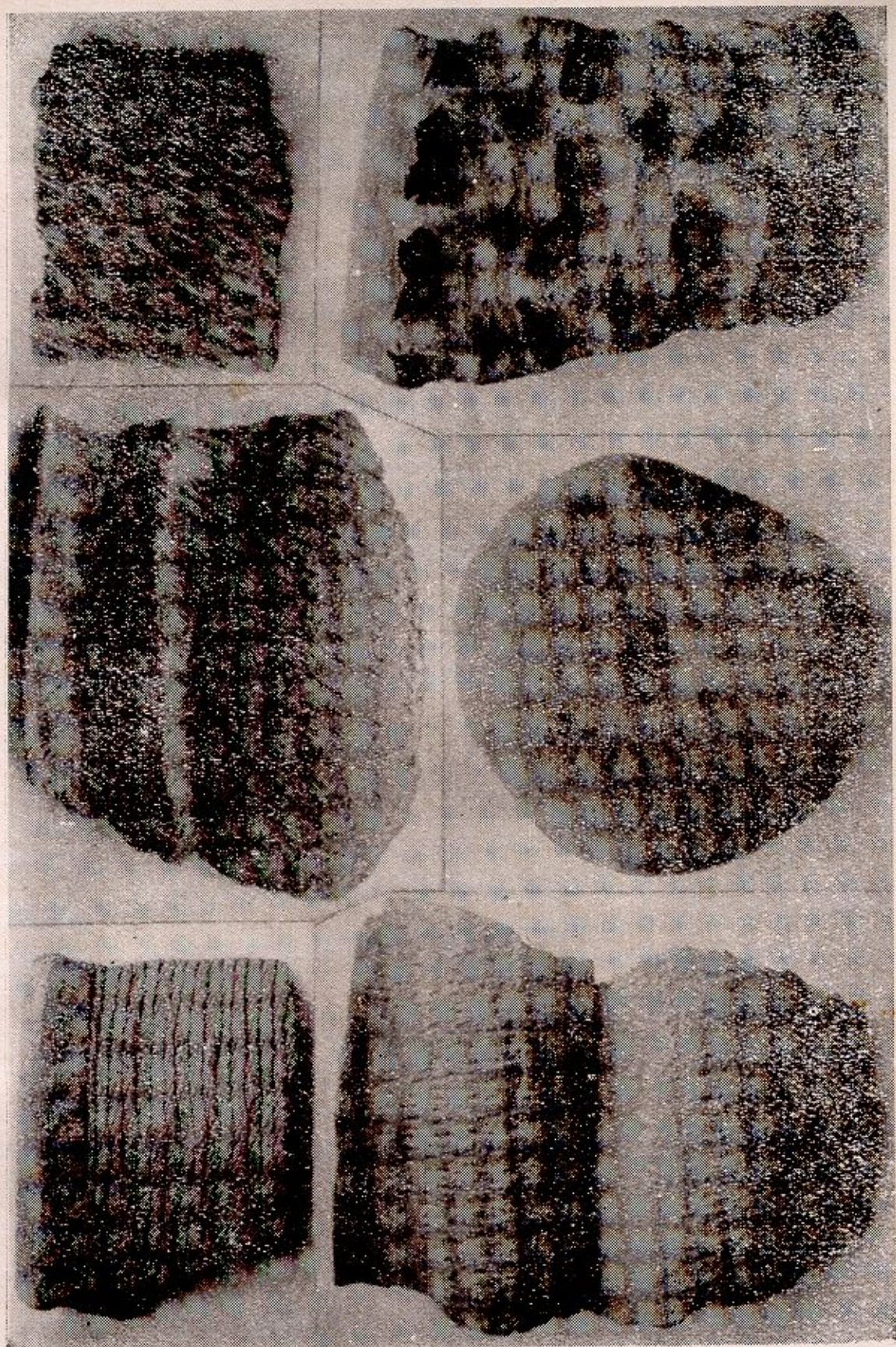
- (18) Bischoff, op. cit. 193: "Encontrei poucos fragmentos, mas entre estes alguns trabalhados com muito esmero e limpeza, com impressões muito regulares feitas com um pequeno osso ou bastonete com a ponta em triângulo, e não, como de costume, com a impressão da unha".
- (19) Roquette Pinto enumera os seguintes tipos de cerâmica: lisa, unguicular, "os do 3.º e 4.º tipos foram adornados por meio de uma punção que deixou na pasta uma série intermínua de pequenos alvéolos, do mais original aspeto" (Op. cit. 35).
- (20) Os sambaquis que visitamos são os seguintes: os do Capão das Cabras, ao sul de Tramandaí, a uns dois quilômetros do litoral; dez núcleos sambaquianos no Arroio do Sal, nos fundos dos balneários de Lagoa do Camboim a 500 metros do litoral. Os núcleos estão espalhados num diâmetro de um pouco mais de um quilômetro. Roquette Pinto contou 16 semelhantes núcleos, mas não os visitamos todos. — Um sambaqui nos fundos do balneário Primavera aproximadamente um quilômetro do litoral. — Três sambaquis em Tôres, um na entrada da cidade, para quem vem pela praia, outro na encosta do segundo morro e os restos do terceiro próximo à barca do Mampituba. O material encontrado em todos eles é idêntico.



Em cima, à esquerda: diversos tipos de pontas de flechas; à direita: contas de vidro. Em baixo: os dois tipos de cachimbo do paradeliro.



Cerâmica do chamado "tipo sambaquiano".



No centro, em baixo: pedro de fiar. A esquerda, em baixo, e no centro, em cima: cerâmica guarani: As outras amostras são do "tipo sambaquiano".

de tamanho médio, sabe-se que foi moldado à mão, pois ainda se vêem nitidamente as marcas dos dedos nas depressões. Como em outro lugar apontamos, provavelmente os recipientes minúsculos eram confeccionados da mesma forma (21). O material empregado oscila extraordinariamente, apresentando o miolo cores muito variegadas, como cinza, preto, vermelho, marrom e também maior ou menor quantidade de areia ou pedrinhas, sendo o barro da região positivamente de qualidade inferior. Apenas a cerâmica pintada e a de "tipo sambaquiano" são mais cuidadas no referente a material e cozimento. Nesta última não se pode determinar com certeza qual a técnica empregada, visto a massa ser muito compacta.

Quanto ao cozimento faz-se menção na literatura paleo-etnográfica do Rio Grande do Sul mais de uma vez de fornos subterrâneos, que teriam servido para o preparo da cerâmica (22); outros pelo contrário creem ter ela sido secada ao ar e depois rodeada de lenha por fora (23) tendo como consequência, em ambos os casos, um cozimento apenas superficial. De qualquer maneira, a qualidade da cerâmica aqui descrita não se pode confrontar com a cerâmica das altas culturas andinas.

Fizemos menção, anteriormente, de que encontramos a ornamentação ungulcular e digital também nos sambaquis. Este é um velho problema: Métraux julga que a decoração digital é exclusiva dos guaranis (24), ao passo que Serrano sugere que também os gualanás (sambaquianos) a usavam juntamente com a ungulcular (25). No primeiro caso apontaríamos um elemento guarani, levado para os sambaquis, no segundo teríamos um elemento pertencendo a duas culturas diferentes.

Se agora passamos ao estudo do material lítico observamos que é de uma pobreza extraordinária comparado com o de qualquer região de cultura guarani, ou confrontado com a cerâmica deste mesmo lugar.

As pontas de flechas do paradeiro são de tamanho pequeno, e fabricadas, ora de sílex, ora de alguma rocha eruptiva. Como na localidade não existe qualquer tipo de pedra foi necessário buscar o material para todos os instrumentos líticos a 5 ou 6 léguas de distância, nos Aparados da Serra. Com exceção do sílex, os materiais são de pouca dureza e resistência, produzindo objetos manifestamente inferiores aos de qualquer outro paradeiro. Muitas vezes a umidade e o embate do vento os corroeram profundamente, inclusive algumas pontas de flechas.

Entre estas podemos distinguir vários tipos, segundo as formas que apresentam, desde a ponta de flecha curta e larga de farpas acentuadas, até a longa, de lâmina estreita em que as farpas quase desaparecem. Uma trazem os bordos levemente convexos, mas lisos e outros mostram-nos finamente serrilhados num trabalho minucioso e perfeito. Algumas estão trabalhadas com extraordinário esmero, ao passo que

(21) Schmitz, op. cit. 132.

(22) Métraux, Alfred — *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-guarani*, 503, o qual toma a informação dos estudiosos rio-grandenses Ulrich e Kunert.

(23) Staden, Hans — *Duas Viagens ao Brasil*, 165. "Quando querem queimar as vasilhas, debruçam-nas sobre pedras, põem aí bastante cortiça seca, que atelam..."

(24) Métraux, op. cit. 247.

(25) Serrano, *Arqueologia*..., 36.

outras nada mais são do que lascas de sílex ou de basalto, cuja forma quase que é necessário adivinhar.

O grande número de núcleos residuais e a extraordinária quantidade de pontas de flechas encontradas no paradeiro, de preferência perto de um ajuntamento de núcleos, indica a importância dada pelos índios a esta arma, que certamente não podia concorrer com as pontas de madeira e de osso de mais fácil e mais rápida fabricação, ainda mais numa localidade que não tinha pedras (26).

A quase completa falta de machados polidos e o seu diminuto tamanho talvez não sejam consequência unicamente da escassez e má qualidade da pedra, mas também da nenhuma necessidade para derrubar árvores maiores para a plantação, como acentuaremos mais tarde, ao tratarmos da reconstituição cultural dos habitantes da região. Os dois exemplares encontrados são bem polidos, mas pequenos e sem o belo formato, nem o bom gume dos outros machados guaranis, conhecidos do planalto. São ambos feitos de pedra eruptiva e sua forma é a de um cone truncado. Entre os machados lascados existem alguns exemplares grandes que talvez estivessem em fase de preparação destinados a receber posterior polimento, mas os tipos pequenos parecem acabados. Diversas lascas com bom gume e forma semelhante a um machado ou melhor a uma cunha de mão, creio eu terem substituído, ao menos em parte, aquele instrumental. Têm-se encontrado numerosos exemplares. Quanto aos machados, também na relação de Bischoff aparecem raramente, não se tratando pois de uma observação puramente pessoal. O citado autor fala de machados e facas no Ponto da Areia e em Areia Grande, mas não nos sambaquis (27). Centenas de lascas pequenas, às vezes minúsculas, de ótimo gume, devem ter sido empregadas na faina cotidiana para cortar ou raspar.

Bischoff fala seguidamente de bolas de charrua encontradas nos parades vizinhos (28), Roquette Pinto nos sambaquis (29), mas a nossa coleção, com numerosas visitas, não recolheu mais que uma única de tamanho pequeno, forma oval, estriada longitudinalmente por cima dos polos. Trata-se de um exemplar perfeitamente acabado.

Alguns fragmentos laminares de arenito cozido apresentam superfícies completamente lisas, tendo servido provavelmente de amoladores, como outros fragmentos de arenito não cozido, regularmente sulcados, sugerem afiadores ou "apontadores de flechas", como os classifica o Museu Júlio de Castilhos. Suas faces e bordas muitas vezes estão buriladas de modo a formarem um gume obtuso. Ao que tudo indica serviam como afiadores, alisadores de cerâmica, talvez também desgastadores de madeira no preparo de instrumentos, utensílios e armas.

O grande problema de toda a região litorânea sul-brasileira, o qual tem intrigado mais de um autor são as famosas "pedras de flar", pedras com pequenas cavidades perfeitamente circulares e polidas, que na opi-

(26) Métraux, op. cit. 257: "A civilização material das tribos tupi-guaranis está adaptada antes de tudo à vida nas grandes florestas da América equatorial; ela se caracteriza pelo uso preponderante da madeira e do osso em todos os ramos da indústria. A pedra, rara na maior parte das regiões habitadas pelo grande número desses índios, desempenha apenas papel de segundo plano".

(27) Bischoff, op. cit. 183.

(28) Bischoff, op. cit. 178 e 179.

(29) Roquette Pinto, op. cit. 31 ss.

não geral serviriam de apóio ao fuso, durante o trabalho da fiação. Algumas destas pedras, que não apresentam qualquer outro trabalho além da citada cavidade polida de aproximadamente um centímetro de diâmetro, chegam a mostrar até meia dúzia delas, de diversas profundidades, ora todas num lado, ora em várias faces. Seguidamente também se encontram diversas pedras reunidas num mesmo local, fenômeno para o qual Bischoff dá como explicação que "ou diversas pessoas de uma mesma cabana fiavam juntas, ou se ajuntavam diversas pessoas para fiar e conversar, como ainda hoje se faz; desta maneira também se explicaria por que algumas pedras maiores têm de 2 a 5 cavidades". (30)

Todos os autores que se têm dedicado à pesquisa paleo-etnográfica no sul do Brasil depararam com elas em quantidades impressionantes. Bischoff encontrou ao menos uma centena (31). As pedras de fiar são o primeiro elemento que aparece e o último que desaparece, pois mesmo nas margens das lagoas afastadas, longe de qualquer outro sinal de cultura, ainda se encontram isoladas, ou aos grupos, renovando o problema da sua finalidade e origem. O mais intrigante é que aparecem abundantemente tanto nos sambaquis quanto nos paradeiros litorâneos de cultura nitidamente guarani, mas nunca se encontram nos paradeiros planaltinos desta última família, o que nos inclina a acreditar que seja um elemento guaianá (sambaguiano), simplesmente misturado por superposição de jazidas com os restos guaranis, ou aceito pelos guaranis da costa, ou finalmente empregado por populações de cultura guaianá que por qualquer motivo viviam entre os guaranis.

Existem também semelhantes pedras com cavidades mais largas e ásperas, sem polimento, a que se aplicou a denominação de "quebracoquinhos", por terem servido, segundo alguns autores, para quebrar o caroço dos coquinhos do gerivá ou do butiá, a fim de aproveitar o miolo. Estas pedras são mais raras na localidade e mais facilmente passam despercebidas.

Se as pedras de fiar realmente serviam para o mister indicado por seu nome e são, como julgamos, de origem guaianá, a fiação deve ter estado entre eles muito desenvolvida, embora Métraux afirme que o não era a tecelagem (32). No tocante aos guaranis da costa temos documentos escritos de que eram bons tecedores.

Os percussores, tão abundantes em todos os sambaquis do litoral sul-brasileiro, como nos paradeiros guaranis do interior, existem também aqui em grande número.

Achado mais raro foi o de um tembetá de quartzo cristalino, perfeitamente polido. Chamamo-lo assim, porque, embora não apresente a forma em T, comum àquele tipo de ornato, não saberíamos que outra finalidade lhe atribuir. Dois outros belos cristais de quartzo encontrados no mesmo local parecem ter estado em preparação, pois já foram desbastados, mas ainda não polidos. Bischoff, segundo informação de Koseritz, teria encontrado outros dois tembetás idênticos (33).

(30) Bischoff, op. cit. 179.

(31) Bischoff, op. cit. 179.

(32) Métraux, op. cit. 306.

(33) Koseritz, op. cit. 181.

Procuramos muito para ver se não encontrávamos algum pêso de rede, pois calculávamos que morando eles junto de lagoas piscosas e tendo sido todos os guaranis grandes pescadores, estávamos certos de encontrar ao menos alguns exemplares. Nossa busca, entretanto, resultou infrutuosa, a não ser que tenhamos de computar sob aquela denominação três corpos cilíndricos de barro cozido, com forma de grande conta, perfurados longitudinalmente, medindo aproximadamente 8 cms. de comprimento por 3 de diâmetro. Seriam demasiado grandes e pesadas para contas de um colar.

Bischoff, na sua relação (34), menciona que antes dêle fôra encontrado um cachimbo junto a Conceição do Arroio (atual Osório). Como êle também nós não tivemos a sorte de encontrar nenhum, mas temos na coleção, com indicação de terem sido lá encontrados, dois exemplares, um tubular, cônico, reto; outro angular de porta boquilha pequena; faz pouco tempo recebemos de pessoa amiga um cachimbo do segundo tipo, encontrado no sambaqui de Arroio do Sal a 25 Kms. ao sul de Tôres (35). Como a localização dos cachimbos aqui mencionados não é absolutamente segura e não sabemos, com clareza, se realmente são cachimbos guaranis, não nos deteremos mais tempo com eles. Apenas, em nota, queremos dar ao leitor uma idéia da velha discussão sobre se os cachimbos são artigos autóctones ou de importação européia, recebidos pelos indígenas no começo da colonização (36).

As três contas de vidro encontradas no primeiro dos paradeiros são indubitavelmente de origem européia: uma delas é côr de laranja e as outras duas azuis. A conta alaranjada é de secção redonda no sentido equatorial e de secção elíptica no sentido dos polos. A matéria é vidro homogêneo em todo o volume. Tamanho: 21 mm. de comprimento por 6mm. de diâmetro na parte mais grossa e 3 mm. nas pontas. A maior das azuis mede 34 mm. de comprimento por 4 de lado; a segunda mede 20 de comprimento por 5 de lado. Ambas são muito leves, de um mesmo feitio, de secção quadrangular. Pertencem as últimas ao tipo denominado "pérolas de Aggrî" (37) assim descrito por Tischler: Estas pérolas

(34) Bischoff, op. cit. 184.

(35) A classificação adotada é a de Serrano, *Arqueologia Riograndense*, 28 sgs.

(36) Existe um interessante estudo sobre cachimbos rio-grandenses, feito por H. von Ihering em "A civilização Prehistórica do Brasil Meridional", onde se debate o assunto do autoctonismo ou não dos cachimbos sul-brasileiros. John Cooper chama a atenção para o fato de terem sido feitas descobertas arqueológicas de cachimbos em alguns casos de depósitos manifestamente pre-colombianos, no leste brasileiro e na região do Prata (Stimulants and Narcotics, 526). Falando páginas adiante dos tipos e da sua frequência continua o autor citado: "De tipos aborígenes, o tubular é o mais espalhado principalmente no Chaco e no Leste e Sudeste brasileiro; de acôrdo com a história e a arqueologia, são manifestamente antigos; talvez os mais antigos do continente americano. Os cachimbos angulares são encontrados principalmente... em secções muito dilatadas de uma bacia que se estende de Alagoas no extremo leste brasileiro, pelas províncias costeiras do Brasil e através do Norte da Argentina e Patagônia até o Chile". (Op. cit. 529ss.) Em nosso caso concreto, embora se deva admitir que existiram cachimbos pre-colombianos, difícil tarefa seria determinar a idade dos dois cachimbos em questão, visto como foram encontrados lado a lado com objetos de origem marcadamente européia, como são as três contas de vidro. Só uma estratigrafia rigorosa, impossível nesta região, nos poderia dar uma resposta satisfatória.

(37) Os trabalhos básicos para estes estudos são de O. Tischler: "Ueber altamerikanische Glasperlen. — Ueber Aggriperlen u. die Herstellung farbiger Gläser im Alterthum."

"constituem-se de uma série de camadas concêntricas, na maior parte das vezes em número de sete, dispostas de tal modo que entre duas delas fica sempre uma camada opaca. As outras camadas distribuem-se da seguinte maneira. As duas anteriores A B são de vidro transparente sem cor com um leve tom esverdeado. Segue-se uma camada encarnada opaca C e outra exterior D de vidro transparente, geralmente de cor azul escuro cobalto, raras vezes de cor verde-azul. A sucessão das camadas, portanto é A, a, B, b, C, c, D. O tubo interior é chato; os limites exteriores de todas as camadas são sulcados, de modo que na secção transversal se vê uma série de estrêlas dentadas concêntricas". (38).

As duas contas por nós encontradas, embora sejam feitas segundo o mesmo método apresentam só três camadas, a interior transparente, sem cor, com leve tom esverdeado, a segunda branca opaca; a terceira azul. Quanto ao fabrico, vê-se claramente que primeiro foi feito com estas camadas um bastonete de secção quadrangular, o qual depois foi cortado em segmentos, aparecendo as extremidades das contas bem irregulares, acidentadas, sem qualquer tentativa de perfeição e acabamento.

Estas pérolas eram de origem veneziana e se fabricavam no fim do século XV e no começo do século XVI, e constituíam importante artigo de comércio no tempo das grandes descobertas geográficas (39). Em diversas partes do Rio Grande do Sul, principalmente no litoral nordeste, têm sido encontradas semelhantes contas, das quais diversos museus guardam exemplares isolados ou colares inteiros. São índices das frequentes e intensas relações dos selvagens com os europeus. Serrano fotografou diversos destes colares, encontrados no município de Tôres (40).

Um último elemento importante das nossas pesquisas é uma lamela de cobre, perfurada numa das extremidades, a qual extremidade se apresenta levemente recortada. Foram encontrados ainda outros objetos de cobre, a respeito dos quais, porém ainda não temos suficiente clareza se realmente são do tempo dos indígenas ou não, abstendo-nos, portanto, de os comentar. Que os índios do lugar possuíam metal não cabe a menor dúvida. Bischoff, por exemplo, informa: "Vi uma placa de cobre quase da forma de um coração com dois furos, também adorno feitos de osso e enfileirados em fio de cobre... Os mesmos foram encontrados tanto em Areia Grande em Conceição (Osório), como em S. Cristina, entre este lugar e o campo propriamente dito" (41). E, em outro lugar da mesma relação: "Foram encontradas (a oeste de Tramandaí) urnas inteiras, algumas com ossos, outras sem eles: três delas continham, além dos ossos, pequenas placas de prata de forma irregular, tendo cada uma dois furos. Vi algumas destas últimas" (42). Studart Filho é que vem completar nossas informações sobre o encontro de metais arqueológicos no Rio Grande do Sul, dizendo que duas chapas de prata triangulares foram descobertas por Koseritz numa igacaba ricamente pintada, sem entretanto indicar o lugar do achado (43).

(38) Schupp, A. — Os aborígenes do Brazil sob o ponto de vista etnológico, conclusão.

(39) Ihering, Civil. Prehist. 99.

(40) Serrano, Arqueología Riograndense, prancha XX e pág. 22.

(41) Bischoff, op. cit. 186 e fig. 2, 3, 4.

(42) Bischoff, op. cit. 178.

(43) Studart Filho, Carlos — O Uso dos Metais na América Prehistórica, 11.

Assim que, se juntarmos a plaqueta de cobre por nós encontrada, com os adornos dados a conhecer por Bischoff, teremos para a região em aprêço três plaquetas de prata, duas lamelas de cobre, fio de cobre, e, segundo Studart Filho, mais duas plaquetas de prata de região não indicada.

Examinando de relance todo o material descrito tem-se a impressão de que a região era bastante densamente povoada de elementos guaranis, que nos deixaram abundante material cerâmico tanto nos parapeiros, quanto fora deles, onde em diversos lugares têm sido encontradas urnas com ou sem ossos. Do restante material descrito nem tudo nos indica com clareza a sua origem: os tembetás devemos certamente atribuí-los aos guaranis; as bolas poderiam ser dos minuanos, dos charruas, porém mais provavelmente foram deixadas em toda a região pelos habitantes dos parapeiros, pois é sabido que as tinham herdado de seus vizinhos minuanos e charruas e as empregavam em grande escala nos descampados; as pedras de flar, como já assinalamos anteriormente, aparecem muito nos sambaquis (cultura guaianá) e não costumam ser encontrados nos parapeiros guaranis do interior do Estado, embora o sejam no litoral, razão por que nos inclinamos a atribuí-las ao primeiro destes povos. Os outros elementos não são discriminadores seguros de uma cultura. O que é realmente determinante nos parapeiros é de cultura guarani, indicando que entre as famílias deste povo devemos procurar os habitantes da região, o que faremos no seguinte capítulo, não perdendo, porém de vista os outros elementos, que podem sugerir aculturação, mistura, ou mera superposição da cultura sambaquiana-guaianá e da guarani, como até agora sempre se acreditou.

A FAMÍLIA GUARANI A QUE PERTENCERAM OS PARAPEIROS

Sabendo, pois, que é entre as famílias do povo guarani que devemos buscar os habitantes da região, examinemos os documentos escritos dos primeiros tempos da colônia a fim de determinar a tribo e sua respectiva cultura. Dois textos de extraordinário valor falam-nos dos índios da planície litorânea do Rio Grande do Sul: um de 1605, do missionário português Jerônimo Rodrigues, que evangelizou os índios carijós da região de Laguna; o outro de Rui Díaz de Guzmán, cronista da "Argentina", escrita em 1612.

Jerônimo Rodrigues, grande sertanista e missionário durante dois anos entre os carijós de S. Catarina, escreve a respeito da costa sul-brasileira: "A terra em si não é má. Pode ter em comprimento, desde Santa Catarina até Taramandiba (Tramandaí), que está além de Boipitiba (Mampituba), aonde os brancos também vão resgatar, 40 ou 50 léguas, ao longo do mar, e ao longo de umas serras, que estarão do mar, meia légua, uma légua, até duas, em algumas partes; e dali por diante (44)

(44) O "dali por diante" é o Tramandaí como anota S. Leite: "Estiveram em contato com os índios de Mampituba e falam do Tramandataí, no qual "dali por diante" começam os Arachás. (Hist. da Companhia de Jesus no Brasil. VI, 475). Tramandaí não é apenas um designativo de uma região muito vaga e muito grande, como alguns pensam, pois o rio Taramanda já aparece no primeiro mapa jesuítico do Paraguai, datado de 1646-49. (Teschauer, Carlos — Poranduba Riograndense, 9).

começam os Arachãs, parentes destes (carijós da Laguna), mas temo-los por melhor gente, não na cobiça, mas na simplicidade". (45).

Temos com isto já dois dados importantes: em primeiro lugar, os paradeiros por nós examinados, situando-se na planície litorânea, na região de Tramandaí, caem dentro do território assinalado pelo cronista aos arachãs; em segundo lugar, os arachãs são guaranis, pois o missionário sertanista os classifica de parentes dos carijós, os quais eram guaranis sem contestação. No final do trabalho, após termos citado muito mais dados veremos isto com mais clareza. Estas duas conclusões serão confirmadas por Guzmán, que escreve: "Esta costa do Rio da Prata e do Cabo de Santa Maria para o Norte é rasa e desabrigada até a ilha de Santa Catarina, com dois ou três portos para navios pequenos... O segundo é o do Rio Grande, que dista sessenta léguas do Rio da Prata. Sua entrada oferece dificuldades por causa da grande correnteza com que este rio entra no mar; mas tendo-se entrado nele é seguro e se estende como lago... em suas margens estão estabelecidos mais de vinte mil índios guaranis, que em aquela terra chamam Arachánes, não porque em seus usos, costumes e linguagem se diferenciem dos índios da nação guarani, senão porque trazem o cabelo alçado, encrespado para cima. E' gente corpulenta e bem parecida que tem frequentemente guerra com os charruas do Rio da Prata, e com outros índios que moram no interior, chamados guaianás. se bem que este nome se dá a todos os índios que não são guaranis embora tenham outros designativos próprios.

O Rio Grande e seu porto se acham a trinta e dois graus, e correndo a costa para cima há alguns povos de índios da mesma nação. Quarenta léguas mais ao Norte há outro porto chamado Laguna de los Patos... Em sua comarca há mais de 10 mil índios guaranis mansos (os carijós), tratáveis e amigos dos espanhóis". (46).

As informações dos dois cronistas, como se vê, concordam absolutamente e são os únicos textos antigos até agora conhecidos que falam dos arachãs; os outros todos contentavam-se apenas em copiar o que estes tinham afirmado. Quanto ao território ocupado pela família arachã, Guzmán os coloca nas margens da Lagoa dos Patos e ao longo do litoral. Observando-se esta localização num mapa e conhecendo o número de incolas compreende-se sem dificuldade que eles se terão estendido também ao longo das lagoas litorâneas até a região por nós explorada, como o afirma explicitamente o missionário português, estabelecendo o limite setentrional do seu domínio junto ao escoadouro das lagoas, que é a barra do Tramandaí. Quanto à raça faz uma afirmação implícita o português e é categórico o espanhol que não só afirma serem guaranis, mas repisa a sua afirmação, dizendo que mantinham guerras com todos os índios não-guaranis que os cercavam. Veremos logo que, por outro lado, comerciavam ativamente com as tribos guaranis do litoral brasileiro, com as quais se entendiam muito bem.

Ligando, pois, o texto de ambos os cronistas, teríamos, como território geral desta fração do grande grupo guarani, as margens da Lagoa dos Patos, talvez parte do curso do Jacuí, como ponto extremo se-

(45) Rodrigues, P. Jerônimo, S. J. — Relação do ... 229.

(46) Guzmán, Rui Díaz de — Argentina... 22 ss.

tentrional o escoadouro das lagoas costeiras ou barra do Tramandaí; no sul confinavam com os charruas e no interior com grupos não-guaranis.

Uma grande parte do interior do Rio Grande do Sul, teve durante o século 17 o designativo de sertão dos arachãs, nos documentos de origem portuguesa. Jerônimo Rodrigues ainda fala do sertão "em que estão os arachãs" (47), indicando porém já a evidência, que sobre todos os demais habitantes do Rio Grande tomava este povo. Com os bandeirantes, que em 1635 iniciam as suas entradas no Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul, generaliza-se a denominação, ligando intimamente os dois termos. Em grande número de inventários e testamentos paulistas se encontra dali por diante a designação de "sertão dos arachanes", "terra dos arachanes", "sertão dos carijós denominados arachanes" etc. "Jesus Maria de Ibiticaraíba no sertão dos patos ou arachanes" (48), aplicado também à terra dos tapes e às aldeias em que se agrupavam. Não poderá, por isto, servir o presente designativo para expressar uma delimitação exata da área ocupada por estes indígenas, mas apenas é uma generalização aplicada a uma região por causa de um grupo, que ocupou uma parte dela. A prova disso é que os missionários jesuítas espanhóis que chegaram até o alto vale do Jacuí, jamais fazem menção sequer do nome "arachã".

Como existem os que estendem demasiado os limites dos arachãs, outros houve que os quiseram restringir à costa ocidental da Lagoa dos Patos e margem direita do Guaíba (49), ou às costas do Atlântico e Lagoa Mirim, do porto de São Pedro para o Sul (50), sem razão, entretanto, pois tanto Guzmán quanto Rodrigues afirmam o contrário.

Discutiu-se também muito sobre a filiação deste grande povo indígena, parecendo incompletas a alguns autores as afirmações de Guzmán, perante as assertivas de Gabriel Soares de Souza, que só colocara tapuias no litoral do Rio Grande do Sul (51). Teschauer (52), copiado por Aurélio Pôrto (53), tentou conciliar as informações contrárias num termo médio, passando os arachãs dali por diante a contar como gês guaranizados. Aurélio Pôrto julgou dever colocar os tapes na mesma situação, declarando os arachãs uma parcialidade daquele grupo (54). Serrano, colocado diante do problema, catalogou-os "provisoriamente"

(47) Rodrigues, op. cit. 243.

(48) Inventários e Testamentos, passim.

(49) Teschauer, Poranduba Riograndense, 219.

(50) Serrano, Etnografia... 159 ss.

(51) Soares de Souza, Gabriel — Tratado Descritivo do Brasil, 120.

(52) Teschauer, op. cit. 219. Contra a opinião de meu extinto confrade acredito não haver razão de aglutinar dois cronistas quando há outras soluções, como engano ou imprecisão por um lado, como parece ser o caso de Soares de Souza no tocante a diversos fatos referentes à costa Sul-brasileira, ou modificação dos fatos por outro, quando medeia certo tempo entre os testemunhos. Infelizmente, além dos cronistas já citados, os outros escritores dos primeiros séculos, como Del Techo, Charlevoix, Lozano, Guevara etc., ou nada dizem sobre os arachãs ou repetem as afirmações de Guzmán. As Cartas Anuas dos jesuítas nem sequer lhes mencionam o nome. No fim do estudo voltaremos a esta questão pois até lá teremos encontrado numerosos elementos para confirmar nossa asserção e não precisamos citar diversas vezes os mesmos textos.

(53) Pôrto, Aurélio — História das Missões Orientais do Uruguai, 2.^a ed., I, 49.

(54) Pôrto, A., op. cit. I, 49.

entre os guaranis (55), ao passo que Métraux, não teve semelhantes considerações, classificando-os decididamente, e sem lhes encontrar mistura, na grande família tupi-guarani (56), o que é também a nossa opinião por não acharmos razões de peso que nos obriguem a contradizer aos cronistas primitivos.

Além dos estudos de A. Pôrto sobre a etimologia do nome arachã (57), e questões parecidas, nada mais existe sobre este povo, a não ser raros, mas preciosos acréscimos trazidos por J. Rodrigues e que aproveitaremos na terceira parte deste estudo.

Resumindo, pois, as linhas acima, temos como dados certos que o território ocupado pelos arachãs, os quais pertencem ao grande grupo guarani e apenas têm nome próprio, como o tinham tôdas as parcialidades do grupo reunido sob o nome genérico de guarani, eram as margens da Lagoa dos Patos. Existe um limite mais ou menos definido ao Norte, que é a barra do Tramandai e ao leste o mar, não sendo conhecidos os seus limites ao oeste, onde confinavam com os grupos não guaranis de terra a dentro e ao sul, onde colindavam com os charruas da região do Prata. Os paradeiros por nós descritos localizaram-se dentro deste território, junto ao limite setentrional e como são guaranis e concordam quanto aos demais dados que ainda apontaremos, creio podermos atribuí-los à parcialidade arachã, sem com isso cometermos um erro de método.

TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO CULTURAL

Muito pouco é o que se sabia até agora a respeito dos arachãs, visto que apenas se conheciam os dados fornecidos por Guzmán. J. Rodrigues e o estudo dos paradeiros nos podem fornecer mais alguns. Mesmo assim os dados ainda serão muito poucos e muitos deles precários como já se viu e como ainda mais se verá nas seguintes linhas.

Muita coisa se pode tirar, embora não explicitamente, para a cultura do grupo estudado, da afirmativa geral da "Argentina" de que se tratava de guaranis, que nos usos, costumes e língua não diferem das outras parcialidades do grupo, a não ser pela maneira de trazer o cabelo (58), ou da constatação de Jerônimo Rodrigues de serem parentes dos carijós de Santa Catarina (59), a quem parece atribuir os mesmos usos e costumes, pois seguidamente fala, numa mesma alínea dos arachãs e dos carijós, sem especificar, como se não houvesse diferença. Há quem julgue que os arachãs nada mais são do que carijós de Santa Catarina migrados para as margens da Lagoa dos Patos, mas esta tentadora hipótese, à qual voltaremos mais tarde, que nos facilitaria extraordinariamente a tarefa, ainda não encontrou argumentos bastante seguros para a comprovar.

No tocante à aparência exterior são os arachãs corpulentos e bem parecidos (60). Como todos os outros grupos guaranis têm denominação

(55) Serrano, *Etnografía*... 160.

(56) Métraux, *op. cit.*, mapa da distribuição dos tupi-guaranis, 42.

(57) Pôrto, A., *op. cit.* I, 64.

(58) Guzmán, *op. cit.* 22.

(59) Rodrigues, *op. cit.* 229.

(60) Guzmán, *op. cit.* 22.

própria, que lhes é atribuída, segundo a afirmação de Guzmán por "trazerem o cabelo alçado, encrespado para cima" (61), ou como se exprime J. Rodrigues: "Os arachãs trazem o cabelo comprido como mulheres, e as mulheres trazem coroa como clérigos de missa, e algumas maiores. E deixando crescer o cabelo, como o de mais é comprido para o chão, o círculo da coroa vai para o céu. Vejam agora o que parecerão." (62)

A sua habitação não nos é descrita por nenhum dos documentos, nem têm sido encontrados, até o momento, restos nos paradeiros. Métraux, após examinar as informações referentes às casas dos guaranis do Brasil Meridional em Oviedo, em Gonneville, em Soares de Souza (63), chega à conclusão de que nos temos de representar a vivenda da população costeira da província do Rio Grande do Sul como grandes casas coletivas, à maneira dos outros tupi-guaranis, mas que têm a particularidade de estarem cobertas de pedaços de cascas de árvores, em lugar de folhas de palmeira (64), devido ao frio e aos ventos reinantes (65). As aldeias descritas por J. Rodrigues são pequenas, entre os carijós: "E assim nos metemos na primeira casa da primeira aldeia, que segunda nem terceira e outra alguma tinha. E assim são cá tôdas as aldeias, de maneira que, a uma casa, chamam aldeia." (66) Logo depois, entretanto descreve aldeias de mais casas. Dados interessantes sobre as vivendas e aldeias, bem como outros pontos da cultura guarani podem ser vistos nesta mesma revista sob o título: "A Nobreza dos Caciques Guaranis". Os paradeiros por nós examinados bem poderiam ter sido o lugar de uma dessas casas grandes coletivas.

No que toca ao vestuário refere-nos J. Rodrigues que os arachãs continuamente vendiam a seus parentes carijós de Laguna, tipóias e pelejos (67), razão por que devemos supor que eles mesmos primeiro se vestiam com estas prendas. Se assim era, creio não andarmos muito longe da verdade se os imaginarmos vestidos de maneira semelhante aos carijós, os quais "andam cobertos com pelejos de couros de veado ou de ratos de água, tamanhos como pacas, mas não trazem estes pelejos por via da honestidade, senão por causa dos muitos frios, e dos grandíssimos ventos que todo ano há. São do tamanho de um cobertor pequeno; trazem-nos às costas, e a dianteira descoberta. Quando não faz tanto frio andam nus. As mulheres, grandes e pequenas, trazem tipóias, e ainda que algumas vezes andam nuas, contudo, diante de nós, nem à Igreja vêm nuas, ainda que seja menina de 4 anos" (68). O vestido por excelência da mulher guarani (principalmente nos lugares de maiores frios) foi o tipoí (69). Nas palavras do P. Parra podemos ver uma índia vestida com esta indumentária: "As índias usam um traje totalmente extraordinário. Reduz-se a um saco de algodão branco, com duas aberturas para os braços. É talar esta vestimenta e

(61) Guzmán, op. cit. 22.

(62) Rodrigues, op. cit. 241.

(63) Soares de Souza, Tratado descritivo, 116: "Vivem estes índios em casas bem cobertas e tapadas com cascas de árvores, por amor do frio que há naquelas partes". J. Rodrigues observa (237) que "as casas dos índios (carijós), como não haja terra, são tôdas de jecara a pique..."

(64) Métraux, op. cit. 51.

(65) Rodrigues, op. cit. 237.

(66) Rodrigues, op. cit. 216 ss.

(67) Rodrigues, op. cit. 230.

(68) Rodrigues, op. cit. 229 ss.

(69) Serrano, Etnografia..., 124.

mais larga em cima que em baixo. Não é muito honesta porque embora na parte superior seja ajustada, na parte por onde saem os braços está tão aberto o saio, que sem dificuldade passam para dentro ou para fora uma criança para lhe darem de mamar, razão por que se costuma ver algo mais do que é decente e o mesmo sucede quando o tipoí está velho ou delgado... O tipoí nunca o cingem. De modo que olhar uma mulher destas, é o mesmo que ver uma mulher só com uma camisa sem mangas" (70).

Eram ainda objeto de troca com os carijós (71) a rêde, que servia tanto para dormir, como para nela sentar durante o dia e que se armava entre dois postes da ocara, ou dentro da maloca.

Quanto ao material de que os arachãs teriam confeccionado as suas vestimentas e rêdes não pode haver muita dúvida, pois a rêde em todos os casos era de algodão, a tipoia era do mesmo material tanto entre os carijós (72) como entre os indígenas do Paraguai (P. Parra) e na bacia do Prata (73) e não vemos razão por que o não seria também entre os arachãs, que possuíam tanto algodão que o vendiam regularmente aos seus vizinhos carijós (74).

Há entretanto certa relutância por parte dos estudiosos sul-brasileiros em aceitar o algodão para a confecção de tecidos entre os índios do Rio Grande do Sul, em primeiro lugar, porque grande número dos selvícolas dêste Estado, os não guaranis, empregavam para êste fim, o gravatá ou a urtiga brava, embora vestissem uma roupa semelhante no feitiço à dos guaranis (75). Outra razão é que os atuais guaranis sul-riograndenses, estacionados em pequeno número em Passo Feio, ao lado dos caingangues de Nonoai também empregam em nossos dias unicamente fibras de urtiga brava na confecção dos seus poucos trastes (76). Mais algumas tribos guaranis do Brasil e do Paraguai em tempos recentes substituíram o algodão tradicional, passando a tecer a urtiga, ou o caraguatá, imitando nisso os gês, seus vizinhos (77). Se pois fizéssemos uma simples dedução à base dêsses elementos teríamos razões de sobejo para negar a existência de algodão; foi êste mais ou

(70) Serrano, *Etnografia*..., 124 ss.

(71) Rodrigues, op. cit. 230.

(72) Staden, op. cit. 152. "Suas mulheres (dos carijós) fazem tecidos de fio de algodão como sacos, abertos em cima e em baixo. Vestem-nos e chamam-nos em sua língua tipoí".

(73) Métraux, op. cit. 122.

(74) Rodrigues, op. cit. 230.

(75) Os ibirajáras "andavam geralmente nus, mas as mulheres traziam uma espécie de saiote, feito de fibras de urtigas, ou manta do mesmo material, que lhes cobria o corpo dos peitos aos pés (A. Pôrto, op. cit. I, 55). Os gualanás, "de varetas de urtiga tecem umas mantas tão tupidas como pano, com as quais se cobrem dos peitos até os pés, deixando descobertos braços e ombros que êstes e a cabeça tapam com outra mantilhazinha da mesma matéria" (Lozano, *Hist. Conq. Prov. Rio Plata y Tucumán*, I 427). Os caiaguás, "cobrem-se desde a cintura até os joelhos com umas redezinhas que tecem de urtigas manipuladas do mesmo modo que o linho na Europa" (Gay, *Con. João Pedro — Hist. da Rep. Jesuítica do Paraguay*, I, 414). São apenas alguns exemplos. Todos êles não são guaranis e têm entretanto certa semelhança no vestir, mas com material diferente. O algodão é típico do guarani, como o é a urtiga do gê.

(76) Rambo, Balduino — Os índios rio-grandenses modernos, 86.

(77) Métraux, op. cit. 62.

menos o raciocínio de Bischoff, chegando à conclusão de que os selvícolas de Osório teriam tecido gravatá e um tipo grande de pita europeia (78).

Não há, entretanto, motivo para conclusão semelhante, primeiro quanto às rêdes, porque, constata Métraux: "Tôdas as afirmações que acabo de ajuntar demonstram suficientemente que o algodão foi sempre a matéria mais apreciada pelos tupi-guaranis para a confecção de suas rêdes. Mesmo os que dentre eles em nossos dias empregam fibras vegetais não renunciaram completamente ao algodão, ou ao menos não o abandonaram senão recentemente. É com razão que Nordenskiöld considera os tupi-guaranis como os propagadores da cultura do algodão na América, ou ao menos da rede de algodão, correspondendo exatamente aos limites da extensão dos tupi-guaranis em direção ao Sul (79).

O que vimos valer para a rede, reafirma-se também para os tecidos no comentário do mesmo autor: "Se passamos ao estudo das matérias utilizadas pelos tupi-guaranis na fabricação dos seus tecidos, constatamos, que, exceção feita dos cainguás, só empregaram o algodão. Estes últimos teciam indiferentemente com algodão ou fibras vegetais, imitando naquilo aos caingangues e numerosas outras populações que vivem sob a mesma latitude e que confeccionam suas vestimentas com fibras de urtiga brava ou grande" (80).

Como ainda vendiam fio, além das tipolas, do algodão e das rêdes, aos mesmos seus parentes já mencionados, devemos concluir que foram grandes tecedores (81) e tinham em tanta abundância o algodão que até chegavam a vendê-lo a quem igualmente possuía a mesma fibra, como consta de documentos (81 a.) Assim talvez se explicaria a extraordinária abundância das pedras de fiar se é que os guaranis as usavam e não são, como cremos, um remanescente de outras tribos anteriores ou simultâneas de cultura gualaná.

Resumindo os dados sobre o algodão podemos dizer, que o algodão não teria deixado de ser cultivado pelo clima adverso, pois mais tarde, tanto no litoral como nas Missões se plantou em abundância, como é manifesto; o comércio de algodão, como de artigos manufaturados do mesmo material, mostra que até havia excedentes de produção; o algodão entre os arachãs era empregado em rêdes e nas tipolas, de acordo com a velha tradição guarani; apenas em tempos recentes diversos grupos abandonaram esta fibra em parte ou de todo, por contágio dos numerosos grupos caingangues, no meio dos quais vivem, do mesmo modo como esqueceram a bela cerâmica pintada, tão característica dos seus ancestrais (81 b.).

Se passamos ao capítulo da alimentação, devemos confessar que não existe nenhuma fonte explícita, podendo-se concluir apenas alguma

(78) Bischoff, op. cit. 185.

(79) Métraux, op. cit. 62. Neste ponto Teschauer está conosco: "De algodão faziam as suas rêdes" (os guaranis do Rio Grande do Sul), embora logo acrescente que "da fibra de uma urtiga uma espécie de pala para resguardarem-se do frio e do inverno" (op. cit. 201).

(80) Métraux, op. cit. 232.

(81 a.) Métraux, op. cit. 122.

(81 b.) Rambo, op. cit. 86.

coisa da arqueologia e do seu parentesco com os carijós. Os mariscos são abundantes nas lagoas costeiras e no oceano e seu consumo averiguou-se nos paradeiros em pequenos núcleos com abundantes conchas soltas e não em brechas, como nos sambaquis. Consta igualmente de documentos antigos, que mesmo os índios do interior desciam em certas épocas do ano ao litoral para mariscarem (82). De frutas há grande quantidade e variedade, amadurecendo geralmente no período de verão, como butiás em grandes matas limpas, araçás e pitangas no campo, bacoparis, gualimbés e outras frutas nos capões. O mel e a cêra eram antigamente colhidos em pequena quantidade (83).

Os animais de caça estavam abundantemente representados nos campos e nas margens das lagoas litorâneas: porcos do mato, capivaras, veados, tatus, tuco-tucos, aves de todos os tipos, marrecos, avestruzes etc. Atualmente muitos destes animais ainda se encontram, na fazenda do Sr. Romário Marques Machado, que os protege contra a extinção total. Gabriel Soares de Souza, como o missionário português J. Rodrigues se referem a galinhas entre os habitantes do Sul do Brasil (84), como Schmiedel as encontrou ao lado dos gansos entre os carios do Paraguai, (85) julgando Métraux tratar-se em ambos os casos de uma introdução européia (86).

As numerosas pontas de flechas do paradeiro indicam a intensidade com que era usada esta arma e já notamos que o maior número de pontas de flechas terão sido fabricadas de madeira ou de osso, visto ser este o costume dos guaranis e a pedra ser trazida de muito longe. As bolas de charrua se destinavam à caça dos animais dos campos para não mencionarmos aqui os outros métodos de caça, comuns aos guaranis, mas de que não existem testemunhos concretos, referentes a este lugar.

A respeito da pesca nas lagoas e provavelmente no mar, tampouco temos outros dados a não ser os três pesos de rede, a posição do paradeiro no meio de lagoas e o inveterado costume dos guaranis de pescar onde quer que se encontrem. Os métodos de pesca eram numerosos: pequenas rédes (as grandes, segundo Léry, seriam de importação européia), anzóis de madeira, de espinhos, de osso e, ao tempo da conquista, de metal; pesca à unha, com o arco e flecha, por meio de venenos, represas, armadilhas e numerosos outros métodos (87).

Por outro lado, vendo a extraordinária abundância de cerâmica, não se pode duvidar de que a agricultura exerceu papel importante entre estes homens, que consumiam alimentos vegetais, quer simplesmente coletados, quer plantados em respeitável quantidade. Também aqui não existe um único dado concreto e temos de recorrer à comparação com seus irmãos de Laguna, que se torna tanto mais suasiva quando vemos que J. Rodrigues não distingue muito entre os costumes e propriedades

(82) Soares de Souza, op. cit. 120.

(83) Soares de Souza, op. cit. 120.

(84) Soares de Souza, op. cit. 120. J. Rodrigues, op. cit. 240: "E por um anzol (dão) uma galinha, a qual estimam mais que a saúde de suas mulheres e filhos".

(85) Schmiedel, U. — Abenteuer in Südamerika, 1535-1554, pág. 55.

(86) Métraux, op. cit. 95.

(87) Métraux, op. cit. 88 ss.

de um e de outro grupo dessa grande família guarani, como se fôsem um todo só.

Encontramos como plantas cultivadas entre estes guaranis, a mandioca, o milho, a batata doce, as favas, os feijões, o aipim, as abóboras e o algodão e a farinha de certa palmeirinha (88) que não parece ser o palmito, nomeado claramente com seu nome na relação do missionário e que era comido ao menos pelos brancos (89). Prova de que não andamos errados nessa comparação é que Parodi dá a mesma lista, acrescida apenas do amendoim, da erva-mate e da bixa orelhana, para todos os guaranis (90). No artigo sobre a nobreza dos caciques guaranis, publicado neste número, podem-se ver os produtos agrícolas dos tapes, que coincidem com os aqui apontados.

Sabemos ainda do cultivo do fumo, indiretamente, pelos cachimbos e pelo fato de todos os guaranis, com exceção dos parintintins o terem consumido, embora Bischoff julgue que não era fumo, mas a casca preparada de uma árvore, o que eles queimavam nos seus cachimbos (91).

Ligado com a agricultura está certamente a raridade dos machados polidos, faltando completamente os belos machados guaranis do planalto, mas aparecendo em número relativamente grande machados lascados de todos os tamanhos e simples lascas aproveitadas na faina cotidiana. Também não se encontraram mãos de pilão, feitas de pedra, embora os carijós as possuíssem para esmagarem a mandioca (92). Sem dúvida a maior parte dos instrumentos agrícolas e domésticos era fabricada de madeira ou de osso, por não exigirem a resistência do instrumental planaltino, onde se levantavam grandes florestas e os guaranis no meio delas tinham de preparar os seus roçados. A vida dos guaranis dos campos areentos e margens das lagoas era muito diferente da dos seus irmãos das florestas virgens, onde se necessitavam instrumentos mais perfeitos para a derrubada do mato, preparo do terreno, e demais trabalhos agrícolas ou domésticos. O preparo da terra feito pelos arachãs devemos-lo imaginar da seguinte forma: "Em tôdas as 50 léguas a começar de Laguna não (há) terra preta, nem vermelha, nem cá a vi, tudo são areiais e de areia mui miúda. E ainda que há algumas serras e outeiros, também são de areia, mas dá tudo o que lhe plantam. E como as árvores são pequenas e pau mole, facilmente fazem sua roça, a qual, acabante de a queimarem, logo plantam sem fazerem coivara, nem fazerem covas para a mandiiba (mandioca?); mas com o cabo da cunha, com que derribaram a roça, fazem um buraquinho no chão e ali metem o pau de mandiiba; e muitas vês sem lhe fazerem buraco e para uma índia meter um pau na terra dá sete e oito e mais pancadas com êle na terra; e assim machucado e ferido, o mete" (93). O tipo de solo e vegetação descritos são iguais aos dos paradeiros e ainda mais para o sul: o solo convidava para uma agricultura fácil e rendosa.

(88) Rodrigues, op. cit. 230.

(89) Rodrigues, op. cit. 219.

(90) Serrano, Etnografia, 128.

(91) Bischoff, op. cit. 184: "Além disso, provam-no os cachimbos, elegantemente trabalhados, nos quais se diz eles fumavam uma droga venenosa, pelo menos fortemente entorpecente (fôlhas ou como quer a tradição, a entrecasca preparada de uma árvore...)"

(92) Rodrigues, op. cit. 233.

(93) Rodrigues, op. cit. 230.

Falando logo a seguir do modo como distribuíam os produtos agrícolas pelo ano, escreve: "Têm o ano repartido em quatro partes, scilicet três meses comem milho, outros três favas e abóboras, outros três alguma mandioca, e os outros três comem farinha de uma certa palmeirinha, que é assaz de fome e miséria" (94).

Se falássemos da indústria, encontraríamos dois campos muito desenvolvidos: a cerâmica, em que se produzem desde as grandes urnas, que têm a dupla função de servirem à fabricação de bebidas fermentadas e depois para enterrar os mortos, panelas, pequenos potes, apresentando ornamentação e tipos variados, mas sempre de qualidade ruim ou, se muito, mediana, como vimos anteriormente; e a tecelagem, com a confecção de fios, rêdes, tipoias e provavelmente ainda numerosos pequenos trastes, que serviam para o gasto próprio e para o comércio com os vizinhos.

Da vida comercial, naturalmente sempre em pequena escala, sabemos alguma coisa, devido às informações de J. Rodrigues, acrescida das sugestões da arqueologia.

Do cronista jesuíta consta que antes da vinda dos escravagistas de S. Vicente, os quais já em 1587, ao tempo de Soares de Souza, mantinham algum comércio com os índios do litoral catarinense (95), existia comércio regular entre os arachãs e os carijós, concorrendo aqueles com algodão, peles, rêdes, tipoias, fio, arcos e flechas (96) e recebendo em troca conchas, que os carijós iam buscar a 70 léguas de distância, onde o mar as lançava à praia (97). Com a intensificação do escravagismo branco, principalmente nos dois rios que estão além da Laguna dos Patos, isto é o Araranguá e o Mampituba (98), torna-se este comércio sempre mais intermitente por temor de que os carijós os prendam e entreguem aos brancos como escravos (99). Estas vendas recíprocas estavam generalizadas, favorecidas pelos brancos. Os Tubarões, que se intitulavam senhores de tôdas as terras dos arredores da Laguna e mais dos Arachãs (100), lançavam o terror entre os índios e por isso, nos dois anos que ali estiveram os Padres, não foram nunca visitá-los (no Pôrto de D. Rodrigo) os índios arachãs com tal temor, como escreve o mesmo missionário: "E por diversas vèzes soubemos como os Arachãs desejavam vir ver-nos, mas com mêdo daqueles Tubarões que têm tapado aqueles caminhos não vinham, nem há outro lugar por onde possam passar para cá" (101). Aqui temos assinalado o comércio nativo, pri-

(94) Rodrigues, op. cit. 230.

(95) Soares de Souza, op. cit. 120: "... Os moradores de São Vicente vão em caravelões resgatar por esta costa com este gentio alguns escravos, cera da terra, porcos, galinhas e outras coisas".

(96) Rodrigues, op. cit. 230.

(97) Rodrigues, op. cit. 240: "Estimam muito as moumas, que levam para Angola e outras que são como canudinhos que deita o mar fóra. E vão buscá-las daqui a mais de 70 léguas. E com estas contas hão quanto querem dos arachãs".

(98) Rodrigues, op. cit. 242.

(99) Rodrigues, op. cit. 243.

(100) Leite, S., op. cit. VI, 478 etc.

(101) Rodrigues, op. cit. 246.

mordial, quando os grupos indígenas ainda se achavam totalmente no seu elemento, sem interferência dos europeus (102).

Com a vinda do branco transtorna-se toda a vida indígena, muda-se-lhe o caráter e os mesmos arachãs, levados pela cobiça dos trastes europeus, vêm negociar com os vicentistas, principalmente em "peças", isto é, escravos. "E logo que, por sua via (dos Tubarões), vão correios ao sertão dar novas de como estão navios na barra e que trazem muitas ferramentas, vestidos e resgate, que tragam muita gente. E estão tão longe os Arachãs, aonde vai este recado, que às vezes põem em ir e vir três, quatro meses. E entretanto os brancos trabalham por haver alguns tapijaras, e algumas rêdes e tipoias, que é o aviarem-se depende dos que hão de vir do sertão, porque em vindo em sete, oito dias se aviam porque não há mais que pôr ali o resgate e embarcar a peça. E se me perguntarem quanto dão por cada peça, a isto respondo, que não sei se chega a valer de mil e quinhentos réis. E como de feito não chega já" (103).

A categoria das pessoas vendidas e o modo como o fazem vem expresso nestas palavras do missionário dos carijós: "Tanto que chegam os correios ao sertão, de haver navio na barra, logo mandam recado pelas Aldeias para virem ao resgate. E para isso trazem a mais desobrigada gente que podem, scilicet moços e moças órfãs, algumas sobrinhas e parentes, que não querem estar com eles ou que os não querem servir (104), não lhe tendo esta obrigação; a outros trazem enganados, dizendo que lhe farão e acontecerão e que levarão muitas coisas, e outros muitos vêm por sua própria vontade, com suas peles, rêdes, tipoias, para resgatarem com seus parentes o de que têm necessidade. E a estes tais em paga de lhes trazerem de tão longe (que muitas vezes com a fome e cansaço morrem) o fio, rêdes, tipoias, e pelejos, vendem os Tubarões aos brancos. E os que vêm apelidados pelos outros tanto que chegam ao navio, qual de baixo, qual de cima o que menos pode dão com ele no navio. E assim vendem aos pobres com tão grandíssima crueldade sem lhe terem obrigação alguma. E podendo vender os tapuias, que tomam, antes os querem comer, e vender seus parentes" (105).

(102) Talvez tivéssemos que acrescentar o comércio com os sambaquianos ou grupos então existentes desta cultura, como vimos ao tratar da cerâmica "tipo sambaquiano" existente nos parapeiros, mas como ali foi apontado, também por outros meios pode ter chegado até lá este elemento cultural.

(103) Rodrigues, op. cit. 243.

(104) Nestas palavras alude-se ao regime familiar dos guaranis, no qual os tios casam com as filhas de suas irmãs, que lhes são destinadas desde o nascimento e que lhes pertencem de direito; e nos parentes que lhes não querem servir, podemos ver a obrigação do genro guarani de servir ao sogro e aos cunhados (Fernandes Florestan, Organização Social dos Tupinambá). Pouco adiante o mesmo autor nota, que, desta vez os carijós vendem as verdadeiras sobrinhas "porque não querem andar com elas". (235).

(105) Rodrigues, op. cit. 244. Perante estas afirmações do missionário a gente se sente quase obrigado a crer, e para isso existem ainda outros textos semelhantes, que os arachãs nada mais são do que carijós emigrados. Falta entretanto um texto explícito que afirme esta tentadora hipótese. Creio que quanto à filiação dos arachãs não pode mais restar a mínima dúvida: pois vemos nitidamente a consideração dos carijós com os seus parentes e a oposição violenta aos tapuias, que devoram como inimigos da nação. Destes textos há muitos na relação que vimos citando. Baste mais um: "Mas esta tão má gente (os carijós) que pelos comer (os tapuias, que estão daí a 9 ou 10 léguas e aos quais atacam todos os meses para fazerem presas que possam comer) antes vendem seus parentes (os arachãs)". (J. Rodrigues, op. cit. 236.)

Vê-se na palavra do missionário, que por dois anos assistiu a êsse espetáculo, por um lado a cobiça do índio, que vem de tal distância e a traição com que eram tratados pelos seus parentes, os carijós de Santa Catarina.

A classe das pessoas vendidas como peças, são, pois, as que não têm ninguém que por elas olhe; os que, segundo o costume lhes devam serviço e a isso se negam; os enganados; e os que desejam comerciar livremente e são vendidos pelos carijós. Os empreiteiros de todo o comércio escravo na região são os Tubarões de Laguna, como ressalta de várias passagens incontestes (106).

A paga oferecida pelas "peças" eram roupetas, calções de damasco, raxetas, meias de agulha, camisas, chapéus forrados, anéis, cadeias de tiracolo de alquímia e todo gênero de ferramentas, contaria e resgates (107). As contas encontradas em grande abundância nos paradeiros da região de Osório e Tôrres, bem como mais para o interior do Rio Grande provêm dêste infame intercâmbio.

Semelhante resgate deve ter sido feito, com os mesmos arachãs, nas margens da Lagoa dos Patos, pois mais para o interior foi constatado em 1627 pelo P. Roque González, ao iniciar a catequese no Tape: "O Jaí (Jacuí) é o principal (rio do Tape) e por êle, segundo contaram os índios ao P. Roque, entravam os portugueses em navios pequenos, ficando os grandes em alto mar, a resgatar com os índios. Traziam os portugueses roupas de pano, como a que usava, que era feltro, e muitos "chapéus", nome que, em português davam aos sombreiros" (108). Este comércio talvez já tenha começado, se podemos assim interpretar as palavras de Soares de Souza, pela segunda metade do século XVI, no Rio Grande do Sul, mas principalmente no Mampituba, onde morava um dos temidos Tubarões.

Atacados assim por dois lados, isto é, pela costa, da região de Laguna, e pela Lagoa dos Patos, os arachãs se encaminharam a um triste fim, acelerado ainda mais a partir de 1635, quando os paulistas começaram as suas entradas regulares ao "sertão dos patos ou arachãs", exterminando em pouco tempo todo o grande número de valentes frecheiros, que os primeiros cronistas encontraram ao longo do litoral, de modo que, ao chegarem os missionários jesuítas espanhóis a esta parte, já nada encontraram desta parcialidade guarani.

Ao lado do comércio com os seus irmãos carijós e com os brancos, a arqueologia ainda nos sugere um terceiro, talvez indireto, como que por osmose, para regiões muito afastadas, isto é o Peru. São as placas de cobre e prata que suscitam êste novo problema, mais difícil que os anteriores, a cuja análise, entretanto, não nos podemos furtar.

Se houvesse um método de, pela proporção das impurezas ou misturas contidas nos objetos de metal dos titulares das altas culturas americanas, chegar a distingui-las de objetos semelhantes, provindos da Europa, estaria resolvido o problema, mas enquanto isto não fôr con-

(106) Vejam-se os textos de Rodrigues, op. cit. 222 ss. e 242 ss.

(107) Rodrigues, op. cit. 243.

(108) Pôrto, A., op. cit. 81.

seguido, ficamos sempre a meio caminho. Podemos provar, sem dificuldade, que existiu o comércio, mas raramente poderemos afirmar de um objeto determinado como os nossos, se vieram dêste comércio indígena, ou do intercâmbio com os brancos. Provaremos aqui apenas o principal, isto é que existiu o comércio do Peru para o litoral brasileiro e vice-versa, sem especular sobre os objetivos concretos, pois seria perda de tempo.

Se do Peru, ou do Império dos Incas, ao litoral brasileiro, há muita distância, não obstante têm-se encontrado sinais certos dêste comércio, como é o machado de cobre de Cananéia, publicado por Max Uhle, ou o machado de prata, que, segundo Medina, receberam os portugueses, que entre 1515 e 1516 aportaram às costas do Brasil (109). Também a fama dos extraordinários tesouros dos incas tinham chegado ao Atlântico, tendo como consequências as expedições àquele império, primeiro de Aleixo Garcia, ainda no governo de Huaina Capac e depois da expedição chefiada pelo bacharel da Cananéia e Francisco Chaves. Também em sentido contrário havia o mesmo comércio como provou Nordenskiöld por meio da distribuição da palavra pinda (significando "anzol" em guarani), pois os anzóis de ferro, vendidos pelos europeus aos tupis do litoral brasileiro chegavam rapidamente aos quíchuas por intermédio dos guaranis (110).

Se inquirirmos no modo como se fazia êste comércio, encontramos na antiga história americana referência a um célebre caminho precolombiano, chamado Piabiru, que se estendia da costa de S. Vicente ao Rio Paraná. Ao poente do Paraná, o caminho prosseguia, atingindo o Peru e a costa do Pacífico. Podia-se ir pelo Tieté, menos frequentado, ou pela linha-tronco, a principal, cujo itinerário era S. Vicente, Piratininga, Sorocaba, Botucatu, Tibagi, Ivaí, Piquiri. A igual distância dêstes últimos rios, bifurcava-se o caminho, indo um ramal para o sul, até ao Iguaçu. Êste caminho tornou-se o ponto de junção dos portugueses do Brasil e dos espanhóis de Asunción. (111).

Voltemos agora às considerações: é certo que os guaranis do Paraguai possuíam ouro, prata, cobre e talvez também bronze, sob a forma de placas, ornamentos auriculares e machados, buscando todos êstes metais, em abundância e regularmente, numa montanha no interior do país (112), provavelmente no império incáico.

(109) Métraux, op. cit. 256.

(110) Métraux, op. cit. 304.

(111) Leite, op. cit. I, 333 ss. É conhecida igualmente a travessia realizada por Núñez Cabeza de Vaca, nos começos da colonização, por um dêstes caminhos, da Ilha de Santa Catarina pelo interior até ao Paraguai.

(112) Métraux, op. cit. 257. Nos comentários de Núñez Cabeza de Vaca lemos: "Indo os índios guaranis na vanguarda... e era coisa muito digna de ver como andam pintados de almagra e outras cores e com tantas contas brancas nos pescoços e seus penachos e com muitas lâminas de cobre que como o sol reverberava nelas, davam de si tanto resplendor que era maravilha vê-los". (Em Métraux, op. cit. 257). Del Techo notou que quando os pagés guaranis oficiavam dependuravam do pescoço duas plaquinhas de prata". (Em Métraux, op. cit. 178). Os prisioneiros eram sacrificados com machados de cobre (Métraux, op. cit. 257). A arqueologia confirma os documentos, pois no delta do Paraná foi descoberta por Tórres uma placa de cobre em camadas muito antigas Métraux, op. cit. 257).

Ora existia uma verdadeira cadeia de guaranis desde o litoral do Atlântico até o Paraguai (113) e consta que existia entre eles comércio ativo: "Estes (os guaranis de Laguna) são parentes verdadeiros dos do campo, aonde morreram nossos irmãos (os irmãos Pero Correia e João de Souza, jesuitas, que pelo caminho do Piabiru se dirigiam ao Paraguai) e parece virem antigamente para o mar onde se comunicavam uns com os outros" (114).

Foi provavelmente por este caminho que vieram aos paradeiros de Osório os ornatos de cobre e prata, geralmente apenas martelados a frio e bem primitivos, em forma de pequenas plaquetas. Por isto Ihering, ao falar destes poucos objetos de metal, julga terem provindo do Peru e serem pre-colombianos (115).

Como antes foi notado, não se pode, nas atuais condições de nossas pesquisas e meios técnicos para distinção de metais, afirmar com certeza que os objetos analisados provenham do Peru. Foi nossa intenção provar que este comércio existiu e que dêle poderiam ter provindo. Outras possibilidades seriam a introdução por parte dos portugueses, juntamente com as contas de vidro, ou ainda a fabricação pelos próprios índios, pois é sabido que Guzmán afirma existir ouro e prata nestas regiões (116).

Teríamos pois entre os arachãs um triplice comércio atestado quer por documentos, quer pela arqueologia: com os carijós o comércio nativo, original, de artigos manufaturados ou matérias primas; com os vicentistas do sul de Santa Catarina e da Lagoa dos Patos, o comércio principalmente de "peças"; e um terceiro, certamente por osmose, com as altas culturas andinas, donde lhes proviriam os objetos de metal descritos.

Ao tempo em que se evangelizavam os carijós de Santa Catarina, houve tentativa de trazer este grupo ao catolicismo por parte de jesuitas portugueses, como nota o cronista P. João de Almeida, que fôra "aos arachãs, dos quais tivemos fala que se juntaram em um campo mais de mil frecheiros, aos quais pregamos e demos notícia de nossa Santa Fé" (117). A evangelização deste numeroso grupo não se levou a efeito devido ao movimento dos paulistas (118).

Há mais um ou outro dado referente ao grupo em estudo. Registra Guzmán que os arachãs viviam em contínua guerra com os charruas do Prata e no oeste com os gualanás de terra adentro, isto é com nações não-guaranis. Podemos crer que seria com a finalidade de apresar adversários "tapuias" para os ritos antropofágicos, à maneira do que fa-

(113) "Fué antiguamente muy poblada de naturales (a costa sul-brasileira), los cuales, con las guerras que unos con otros tenían, se destruyeron; y otros, desejando sus tierras, se fueron a meter por aquellos ríos, hasta salir a lo alto, donde el día de hoy están poblados en los campos que corren y confinan con el Río de la Plata ó Paraná del Guayrá" (Guzmán, op. cit. 24).

(114) Rodrigues, op. cit. 229.

(115) Ihering, op. cit. 98.

(116) Guzmán, op. cit. 22.

(117) Leite, op. cit. VI, 478.

(118) Leite, op. cit. VI, 479.

ziam, em escala considerável, os seus parentes carijós. Notamos em todo o caso o fato de se entenderem bem com os carijós (guaranis) e de guerrearem ininterruptamente com os grupos não-guaranis que os cercavam.

De uma palavra de J. Rodrigues sabemos que possuíam caciques (119), mas os Tubarões eram apenas feiticeiros que ao tempo da preta dos índios foram levantados como chefes de toda a região, desde Laguna para o sul, incluindo os Arachãs (120). O casamento, sugere o cronista, era como entre os demais guaranis, onde as sobrinhas se destinavam aos tios maternos, desde o nascimento e onde os genros serviam aos sogros após o casamento, como também aos irmãos da mulher (121).

Sobre o enterro dos mortos diz-nos a arqueologia que era feito em urnas, levando o falecido os seus ornatos, mas Bischoff chama a atenção para o fato de que, se geralmente, as urnas são tão grandes que possam comportar todos os ossos, foram encontradas em Osório três urnas pequenas, planas, contendo cada uma somente uma parte deles (122). Chamamos a atenção do leitor para as interessantes informações sobre sepultamentos entre os guaranis, fornecidas pelo P. Juan Porras, fôllo 120 ss., no artigo "Nobreza dos Caciques Guaranis", desta mesma publicação PESQUISAS.

Finalmente retornamos, agora já com mais dados, ao problema da filiação dos arachãs. Cremos poder agrupá-los decididamente entre os guaranis, sem recorrer ao subterfúgio, para satisfazer a dois cronistas desiguais e contraditórios, de classificá-los como gês guaranizados. As razões que a isso nos levam são claras e de peso: uma afirmação explícita e repisada de Guzmán; uma afirmativa implícita contínua de J. Rodrigues, repetindo inúmeras vezes tratar-se de parentes do carijós; a união e comércio entre os arachãs e os carijós de Laguna e antigamente os carijós do planalto, havendo ainda sempre ao menos alguma consideração com eles, mesmo ao tempo do escravagismo, e por outro lado a guerra contínua de carijós e arachãs com os "tapuias" seus vizinhos; os poucos dados sobre o regime familiar ainda nos acenam na mesma direção, como o não deixam de fazer o algodão, cultura tipicamente guarani e o tipo e depois de tudo isto também a cerâmica.

Diante disto, e das novas contribuições de J. Rodrigues, não podemos mais aceitar a opinião daqueles pioneiros, que atribuindo igual autoridade a Soares de Souza como a Guzmán, quizeram fundir as duas opiniões, classificando este grupo como gês guaranizados. Na minha opinião, se se constatassem com certeza entre eles elementos gês, seria mais razoável falar em aceitação destas características gês por parte dos guaranis, à maneira do que notamos hoje entre vários grupos, do que no contrário. Quanto à afirmação de Gabriel Soares de Souza, que foi a origem do erro, devemos considerá-la, ao menos, como informação incompleta. Também do rio dos Patos em diante até o Mampituba este cronista baiano coloca apenas tapuias, entretanto os dados mais importantes que temos sobre os carijós provêm exatamente do território

(119) Rodrigues, op. cit. 245.

(120) Rodrigues, op. cit. 222 ss.

(121) Rodrigues, op. cit. 244.

(122) Bischoff, op. cit. 186.

rio colocado ao sul dêste rio. Os tapulas não estavam muito afastados do litoral, mas a costa não era ocupada por eles, como se vê. O mesmo se deve crer aconteceu no Rio Grande do Sul, onde para o interior encontramos tapuias, como encontramos grupos não-guaranis mais próximo do Prata.

Existem alguns que pretendem explicar a diferença da informação de 1587 (Soares de Souza) para a de 1612 (J. Rodrigues) com a migração dos carijós de Santa Catarina para as margens da Lagoa dos Patos, nos anos que medeliam entre uma e outra data (123), hipótese tentadora quando consideramos que os carijós os tratavam, aos arachãs, de parentes, mantinham com eles vivo intercâmbio, à semelhança do que faziam com os carijós emigrados para o planalto catarinense, e os tinham sempre no centro dos seus interesses. Outros acenos na mesma direção encontramos com as seguidas denominações paulistas nos Inventários e Testamentos de S. Paulo, como "no sertão dos carijós chamados arachanes" etc. ou da parte dos missionários de Santa Catarina, como esta do P. Inácio de Sequeira na sua interessantíssima relação sobre os carijós (1635) = "E' esta nação dos carijós a última, de tôdas as do Brasil que habita para o Sul, e aquela onde fenece a conquista da Coroa de Portugal, das mil e cento e sessenta léguas, que domina por costa, começando do Grão Pará, até o Rio da Prata, chamado Paraguai. Estende-se o distrito dêste gentio, por espaço de cento e sessenta léguas por costa, que corre de Nordeste a Sudoeste, que tantas se contam desta Ilha de S. Catarina até o Rio da Prata e vai entestar com os Charruas..." (124). Desejávamos, entretanto, documentos mais dirimentes antes de aceitar isto como seguro.

Falamos acima de que, ante tudo o que expusemos, em nosso caso concreto, devemos antes crer em admissão de elementos gês por parte dos arachãs do que no contrário. A razão é que tanto nos documentos quanto nos achados arqueológicos dominam absolutamente os elementos guaranis, sendo os elementos arqueológicos não-guaranis encontrados, ainda insuficientemente conhecidos para os atribuímos com segurança a uma cultura.

Recapitulando, à maneira de conclusão, os principais dados expostos nestas linhas, temos os seguintes resultados:

1. Os paradiros descritos encontram-se na região das lagoas costeiras, em campos arenosos de macegas baixas. Nos lugares, onde as dunas se mobilizaram aparecem áreas cobertas de fragmentos de cerâmica e outros objetos em grande parte de cultura guarani. Da cerâmica a grande maioria dos fragmentos é nitidamente guarani havendo raros achados que denominamos provisoriamente de "tipo sambaquiano" por os termos achado, quase com exclusividade, nos sambaquis do litoral. As pedras de fiar parecem indicar como sua origem os sambaquis considerados de cultura gualaná. Há também elementos heterogêneos, dos quais os metais, o cobre e a prata, apontam em direção ao Peru, enquanto as contas, algumas do tipo "pérola de Aggrí" denunciam o co-

(123) Spalding, W. — El Sistema Lacustre Sul-Riograndense Oriental.

(124) Leite, op. cit. VI, 495.

mércio com os brancos. Os dois cachimbos são provavelmente tipos autóctones.

2. Na determinação do grupo guarani que tenha construído os paradeiros, chegamos à conclusão, cotejando os documentos, de que se trata do quase desconhecido grupo dos arachãs, os quais se localizavam ao longo da Lagoa dos Patos e se estendiam até o mar a leste, e no norte até a barra do Tramandaí, ficando os outros limites territoriais indecisos, sabendo-se apenas que grande parte do centro-leste do Rio Grande do Sul, sem entretanto indicar que era todo ocupado por este grupo, era denominado no século 17, de sertão dos patos ou arachãs, ou então de sertão dos carijós denominados arachãs, donde se poderia julgar talvez que os arachãs fossem um ramo emigrado daqueles. Racialmente, contrariando o que até agora se vinha repetindo, devemos classificá-los entre os guaranis, e não entre os gêns guaranizados.

3. Finalmente, numa tentativa de reconstituição cultural dos habitantes do paradeiro, encontramos um ou outro dado certo ao lado de diversas conjecturas. Os dados certos são estes:

Os arachãs são guaranis, que não se distinguem dos outros grupos da mesma família nos usos, costumes e língua, mas apenas no modo como trazem o cabelo alçado e encrespado para cima. São fisicamente fortes e bem parecidos. Estão em contínuas lutas, por motivos que podemos suspeitar sejam a caça do inimigo para o rito antropofágico, com os charruas do Prata e os povos não-guaranis do interior. Enterravam os mortos em urnas, possuíam principais ou caciques, seguiam no casamento os costumes dos outros guaranis e, ao tempo dos vicentistas estavam, como outros grupos do litoral sul-brasileiro, sob a jurisdição geral dos Tubarões de Laguna. Empregavam como arma principal o arco e a flecha. Levavam, em troca de contas marinhas, aos seus parentes de Laguna, algodão, tipóias, rêdes, fios, arcos e flechas e ao tempo dos resgatadores vicentistas levavam-lhes "peças" para o mercado de escravos. Além dos dois tipos de comércio denunciados, estamos certos de que conseguiam, por osmose, artigos de metal, cobre e prata e talvez outros, das altas culturas andinas.

Os dados menos explícitos, tirados, quer de documentos não muito claros, quer da arqueologia ou da comparação com os carijós, são os seguintes. Os arachãs teriam habitado em grandes malocas cobertas de cascas de árvores, devido aos grandes frios reinantes. Pelo mesmo motivo ter-se-iam os homens vestido com peles, as mulheres de tipóias de algodão, material de que também fabricavam as suas rêdes e outros trastes. O algodão era abundante e a tecelagem deste artigo estava muito desenvolvida a ponto de poderem exportar para os seus vizinhos tanto matéria prima, quanto artigos manufaturados.

Os alimentos proviriam da coleta de mariscos nas lagoas e no oceano, de numerosas frutas e mel silvestre dos campos e matas; os animais de caça eram, como são ainda, abundantes na região, as lagoas regorgitam de peixes, e a cerâmica abundante indica o campo da agricultura, como importante meio de subsistência. Os produtos cultivados, além do algodão e do fumo, seriam milho, mandioca, batata doce, favas, feijões, aipim, abóboras e uma palmeirinha; provavelmente não teriam consumido nem sal nem pimenta como seus irmãos os carijós. Dividiam o ano em quatro partes, de acordo com os artigos alimentares disponíveis.

A indústria da tecelagem estava muito desenvolvida, devendo dizer-se o mesmo da cerâmica, a qual entretanto, se manteve em baixo nível, inferior ao da maioria dos outros guaranis, devido ao material inferior de que dispunham.

Por fim recapitulamos o problema racial, chegando à conclusão de que se trata de guaranis e que é preferível afirmar que, vivendo no meio de muitos gualanás, aceitaram alguns elementos desta cultura, a defender o contrário, como até agora se vinha fazendo. A aculturação por parte de um ou outro grupo só o pode dar a conhecer a pesquisa simultânea nos documentos escritos, apoiada num rigoroso estudo arqueológico.

BIBLIOGRAFIA CITADA NO ARTIGO

BISCHOFF, Theodor — Ueber die Sambaquys in der Provinz Rio Grande do Sul (Brasilien) — Zeitschrift für Ethnologie, Berlin, 1887. — Tradução portuguesa: Sobre os Sambaquis no Estado do Rio Grande do Sul — Rev. do Museu e Archivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, nr. 21, 1928.

COOPER, John M. — Stimulants and Narcotics — Handbook of South American Indians, V, Smithsonian Institution, Washington, 1949.

FERNANDES, Florestan — A Organização Social dos Tupinambá, São Paulo, 1948.

GAY, Cônego João Pedro — História da República Jesuítica do Paraguay, 2.^a edição, Rio de Janeiro, 1942.

GUZMAN, Rui Díaz de — Argentina: Historia del Descubrimiento Conquista y Población del Río de la Plata escrita por el año 1612, Buenos Aires, 1882.

IHERING, Dr. H. von — A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional, Rev. do Museu Paulista, vol. I, São Paulo, 1895.

INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS — Edição do Inst. Hist. Geogr. de S. Paulo, S. P., Brasil.

KOSERITZ, Carlos von — Sambaquis de Conceição do Arroio, Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, XLVII, 1884.

LEITE, Serafim, S. J. — História da Companhia de Jesus no Brasil, 10 vol., Livraria Portugália (Lisboa) e Livraria Civilização Brasileira (Rio de Janeiro), 1938-50.

LOZANO, P. Pedro — Historia de la Conquista de Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán, Buenos Aires, 1873.

MÉTRAUX, Alfred — La Civilisation matérielle des Tribus Tupi-guarani, Paris, 1928.

- PORTO, Aurélio — História das Missões Orientais do Uruguai, 2 vol. 2.^a ed., Pôrto Alegre, 1954.
- RAMBO, P. Balduino, S. J. — Os Índios Rio-grandenses Modernos, Província de São Pedro, nr. 10, Pôrto Alegre.
- RODRIGUES, P. Jerônimo, S. J. — Relação do in Novas Cartas Jesuíticas, publicadas por Serafim Leite, S. J. — Brasilliana, Vol. 194. São Paulo, 1940.
- ROQUETTE PINTO — Relatório da Excursão ao Litoral e Região das Lagoas do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, 1906.
- SCHMIEDEL, U. — Abenteuer in Südamerika 1535-1554, editado por Dr. Curt Crámer, 2.^a ed., Leipzig, 1926.
- SCHMITZ, Inácio, S. J. — Um Paradeiro Guarani no Alto-Uruguai, Pesquisas, I, 1, Pôrto Alegre, 1957.
- SCHUPP, P. A., S. J. — Os Aborígenes do Brazil sob o Ponto de Vista Ethnológico, Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre, 1903-5.
- SERRANO, Antônio — Los Aborígenes Argentinos, Editorial Nova, Buenos Aires, 1947.
- Arqueologia Riograndense, Rev. do Arquivo Municipal de São Paulo, S. P. ano III, XXXVI, 1937.
- Etnografia de la Antiga Provincia del Uruguay, Paraná, 1936.
- SOARES DE SOUZA, Gabriel — Tratado Descritivo do Brasil em 1587, 3.^a ed., Brasilliana, São Paulo, 1938.
- SPALDING, Walter — El Sistema Lacustre Sul-Oriental, Rev. Militar y Naval, Montevideu, 1939.
- STADEN, Hans — Duas Viagens ao Brasil, publicação da Soc. Hans Staden, S. Paulo, 1942.
- STUDART FILHO, Carlos — O Uso dos Metais na América Prehistórica, Sep. Rev. Trimensal do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1926.
- TESCHAUER, Carlos, S. J. — Poranduba Riograndense, Pôrto Alegre, 1929.
- WILLEY, Gordon R. — Ceramics, Handbook of South American Indians, V, Smithsonian Institution, Washington, 1949.

ABSTRACT.

The author deals with two sites of the Guarany culture near Tramandai, in the northern coastal plain of Rio Grande do Sul, Brazil. Most of the pottery evidences itself as typically Guarany; some rare sherds with an entirely different ornamental pattern are provisionally ascribed to the sambaquí culture (shell mounds along the southern coast of Brazil). Except for the so-called spinning stones which may belong to the sambaquis, the stone implements present the well known guaranitic character. A few small pieces of silver and copper may be related to the

Andean cultures; three beads of glass, of which two are made in the so-called Aggrí technique, demonstrate contact between the Indians and the Portuguese colonial traders.

As to the coastal tribes, the ancient Portuguese and Spanisch sources speak of the Arachás, an otherwise little known group, generally reported to the Ges (forest Indians) guaranized by contact and vicinity; or to the Carijós, an ill defined group of tribes immigrated along the slopes of the South Brazilian highlands. From all he could gather, the author considers the Arachás as true Guaranies.

The Arachás, according to Guzman's report, numbered about 20.000 souls dwelling around the Lagoa dos Patos; their northern frontier was the Tramandaí river; their southern neighbors were the Charruas, their western the numerous Guarany tribes of the interior. The only difference between the Arachás and the other Guaranies, following the early explorers, was the rather extravagant hairdress of the former: the hair of the top of the head was raised und curled, the hair of the margin of the skull hung loose over the back. They are described as well-built and strong men, always being at war with the Charruas an the non-guaranitic tribes of the highlands. They were subject to caciques (chiefs), followed the matrimonial usages of the guaranies and interred their deceased in huge burial urns. Their main weapons were bow and arrow. There was a regular barter going on between the Arachás and the Carijós in Santa Catarina, the former trading cotton, clothes, hammocks, yarn, bows, and arrows, and the latter giving in exchange ornamental shells from the sea coast. As to their food, clothing, and dwelling we do not know anything certain neither from the ancient literature nor from recent archeological researches. Pottery and weaving were at a high standard. During the 17th century, Portuguese missionaries tried to convert them to Christendom, but their efforts were entirely frustrated by the slave hunters who, in a very short time, destroyed the whole tribe.

Zusammenfassung.

Im vorliegenden Aufsatz berichtet der Verfasser über zwei Guarany-Fundstellen in der Nähe von Tramandaí, Rio Grande do Sul, Brasilien. Der grösste Teil der Keramik erweist sich als typische Guaranyware; daneben finden sich seltene Scherben, die der Verfasser vorläufig der Sambaqui- (Muschelhaufen-) Kultur zuschreibt. Die Steinwerkzeuge sind ebenfalls überwiegend guaranitisch; nur einige wenige, wie z.B. die Spinnsteine, scheinen eher der Sambaquikultur anzugehören. Es wurden auch kleine Silber- und Kupferstücke gefunden, die nach dem alten Inkareich hinweisen; ebenso drei Glasperlen, von denen zwei nach der sogenannten Aggritechnik hergestellt sind; sie führen auf die frühe Kolonialzeit zurück.

Betreffs der Volksgruppe, die diese Fundstellen bewohnt hat, reden die ältesten portugiesischen wie spanischen Berichte von den sonst wenig bekannten Arachás. Bisher glaubte man, diese Arachás seien eine Gruppe der Ge-Völker gewesen, die durch Nachbarschaft oder Abhängigkeit die Kultur der Guarany angenommen hätte; Verfasser glaubt beweisen zu können, dass es sich ganz klar um eigentliche Guarany handelt, obwohl andere Autoren meinen, es seien ausgewanderte Carijós gewesen. Nach Guzman's Bericht wohnten etwa 20.000 Arachás rings um die Lagoa dos Patos; nach Norden erstreckte sich ihr Gebiet bis zum Tramandaí, nach Osten bis zur Küste; im Süden grenzten sie an die Charruas, im Westen an nichtguaranistische Stämme des Binnenlandes.

Nach alten Berichten unterschieden sich die Arachás von den übrigen Guarany nur durch ihre seltsame Haartracht, indem sie das Haar in der Mitte des Schädels aufrecht, an den Seiten aber lang herabhängend trugen; sie werden als starke und wohlgebaute Menschen geschildert. Mit den Charruas und den nicht-guaranistischen Stämmen des Innern lebten sie in stetem Kampf. Sie lebten unter Häuptlingen, befolgten die guaranitischen Ehegebräuche und bestatteten ihr Tote in mächtigen Urnen. Ihre Waffen waren wesentlich Bogen und Pfeil. Sie unterhielten einen regen Handel mit den Carijós von Sta. Catarina, mit denen sie Baumwolle, Kleider, Hängematten, Garn, Bogen und Pfeile gegen Meeresmuscheln austauschten. Über Nahrung, Kleidung und Wohnung konnten bislang weder aus dem Schrifttum noch aus den Funden eindeutige Angaben erbracht werden. Töpferei und Weberei standen in hoher Blüte.

Während des 17. Jahrhunderts suchten portugiesische Missionare sie zum Christentum zu berkehren; ihre Arbeit wurde aber durch die Sklavenjäger zunichte gemacht, die den Stamm der Arachás sehr bald ausrotteten.